

# Imagens e memórias de Itaobim

**Organizadoras**

Elisa Maria Amorim Vieira

Thayane Silva Campos

Samira Pinto Almeida

v  
v v  
v v  
**viva voz**

**Organizadoras**

Elisa Maria Amorim Vieira

Thayane Silva Campos

Samira Pinto Almeida

**Imagens e memórias de Itaobim**



V  
V V  
V V  
viva voz

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2013

V  
V V  
V V  
viva voz

## Sumário

### **Diretor da Faculdade de Letras**

Luiz Francisco Dias

### **Vice-Diretora**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

### **Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis  
Elisa Amorim Vieira  
Fábio Bonfim Duarte  
Lucia Castello Branco  
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra  
Maria Inês de Almeida  
Sônia Queiroz

### **Capa e projeto gráfico**

Glória Campos  
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

### **Preparação de originais**

Paulo Natale Belato

### **Diagramação**

Paulo Natale Belato

### **Revisão de provas**

Cíntia Almeida

### **ISBN**

978-85-7758-167-2 (impresso)  
978-85-7758-168-9 (digital)

### **Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Laboratório de Edição  
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081  
31270-901 – Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 3409-6072  
e-mail: revisores.fale@gmail.com  
site: www.lettras.ufmg.br/labeled

## **5 Sobre imagens e relatos**

*Elisa Amorim Vieira*

## **Parte I Memória e imagem**

- 13 Joviniano Alves Costa (Seu Pelé)**
- 19 Valdeci Batista Lemos**
- 23 Isaías Vieira da Costa**
- 25 Ivan Martins Trindade**
- 27 Maria do Livramento Lopes (Dona Lilia)**
- 33 João Pereira dos Santos**
- 37 Gilson Alves Meneses**
- 41 Maria Gomes Dias (Dona Pretinha)**
- 49 Brasiliano Pereira Reis (Canjira)**
- 55 Abdon Sampaio Oliveira (Seu Ariel)**
- 61 Maria Sucessora de Oliveira**
- 65 Adelson Soares Chaves**
- 75 Nadir Vieira de Macedo**
- 83 Amintas Fernandes dos Santos (Dona Preta)**
- 93 Rubem Hod Batista Gilbert**
- 97 Iaci Ferraz Bezerra e  
Maria das Graças Mendes Machado**

## Parte II

### Colaboradores

- 105 Catarina Batista Carlos  
107 Talles Héber de Souza Brito  
109 Maynara Faúla Avelar  
111 Manoel Pereira da Silva Júnior  
113 Érica Júnia Ribeiro Silva  
115 Isabela Soares Costa  
117 Thayane Silva Campos  
119 Samira Pinto Almeida

## Sobre imagens e relatos

Ao longo da BR-116, rodovia de aproximadamente 4.385 km que cruza o Brasil de Fortaleza até a fronteira com o Uruguai, são inúmeras as paisagens que surgem aos olhos dos viajantes. Fazem parte do trajeto, metrópoles conectadas aos “não-lugares” da supermodernidade<sup>1</sup> e pequenas cidades e povoados que ainda vivem imersos em outras temporalidades, embora as imagens das primeiras invadam o cotidiano das populações espalhadas pelo caminho. Diversos desses povoados e pequenas cidades são, para muitos, lugares de passagem que oferecem serviços mecânicos, alimentação e hospedagem a caminhoneiros e outros viajantes ocasionais. Quantos deles teriam observado as singularidades de Itaobim? Destinada a ser lugar de passagem, essa pequena cidade do Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, surpreende àqueles que se detêm, observam o ritmo dos moradores e escutam o que eles têm a dizer.

Em março de 2012, através do Projeto de Extensão Imagens e Memórias do Vale, da Faculdade de Letras da UFMG, chegamos a Itaobim movidos por algumas questões que nos pareciam, e ainda nos parecem, fundamentais: que imagens são recordadas nessa pequena comunidade situada às margens da Rio-Bahia e do rio Jequitinhonha? Ou melhor, que imagens são capazes de desencadear as lembranças dos moradores de Itaobim? Para buscar responder a essas questões, foi necessário sair da estrada, entrar na cidade, falar com as pessoas do lugar, romper

<sup>1</sup> Termo utilizado por Marc Augé em *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade.

resistências e aguçar olhos e ouvidos. O grupo formado por duas bolsistas da FALE e seis estudantes do ensino médio da Escola Estadual Chaves Ribeiro, de Itaobim, iniciou a busca por fotografias que pudessem compor um pequeno álbum da cidade, imagens da memória que provocassem relatos e imaginários, rastros de vivências para além da rodovia.

Nossa proposta era provocar a aproximação de diferentes temporalidades a partir da superposição de imagens, em uma linha de trabalho que já vem sendo desenvolvida em outros países, tal como o Projeto Arqueologia del Punt de Vista, coordenado pelo pesquisador catalão Ricard Martinez, cujo objetivo é a "análise da percepção da atualidade através do estudo e recuperação de testemunhos, documentos e tecnologias da representação de épocas anteriores."<sup>2</sup> No nosso caso, a intenção era ressaltar a permanência (ou não) do passado no presente e, com isso, estimular a interlocução entre diferentes habitantes da região, assim como uma reflexão crítica sobre sua vinculação à memória da cidade e, conseqüentemente, à própria comunidade. Em lugar de propor a formação de um arquivo propriamente dito, centramos nossos esforços na coleta de fotos antigas e sua posterior "refotografia".<sup>3</sup> O ato de refotografar retratos se revelou extremamente proveitoso no sentido de estimular processos de rememoração que se concretizaram nos relatos obtidos junto aos moradores mais antigos de Itaobim.

Ao comentar o conto "L'aventura di un fotografo" (1955), de Ítalo Calvino, a historiadora e crítica brasileira, Annateresa Fabris, afirma que fotografar fotografias não significa somente ter consciência da saturação visual que impera na cultura contemporânea. Significa também, diz Fabris, admitir que a realidade está a tal ponto moldada pela fotografia que não há nada mais a acrescentar ao repertório codificado por ela.<sup>4</sup> Paraggi, o personagem de Calvino, está convencido da necessidade de voltar aos personagens em pose, em atitudes representativas de sua situação social e de seu caráter, contrapondo-se, assim, ao culto do instantâneo. Em fim, o que propõe o personagem fotógrafo é, do interior da

<sup>2</sup> <http://www.arqueologiadelpuntdevista.org/sobre-nosotros--about-us/>

<sup>3</sup> A "refotografia" consiste em expor fotografias no mesmo local onde foram realizadas originalmente e voltar a fotografá-las nesse cenário. No nosso caso, também refotografamos retratos e acabamos por dar maior ênfase à figura humana e não tanto ao espaço em volta.

<sup>4</sup> FABRIS. *Identities virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*, p. 19.

caixa escura, confrontar uma imagem à outra e restaurar na fotografia o significado social que o século XX relegou ao plano do inconsciente. A tarefa da fotografia seria, então, a de explicitar as relações com o mundo que cada um traz consigo, uma vez que a realidade social é um contínuo jogo de máscaras que a câmara deve revelar.

Certamente não se pode falar de saturação visual numa cidade como Itaobim na mesma medida que em grandes centros urbanos, embora boa parte dos seus jovens já estejam conectados à internet, importante veículo de difusão de imagens, e, há décadas, os aparelhos de televisão já tenham invadido as casas da região. Apesar disso, grande parte dos habitantes mais idosos não tem sequer uma única imagem de sua infância ou adolescência. Buscamos, então, entre a escassez de fotografias do passado, a exuberância das imagens mentais; em meio ao silêncio e à indiferença, os rastros eloquentes do passado e os frutos do imaginário de cada um. Imagens sobreviventes da passagem do tempo, das inundações do rio Jequitinhonha ou do esquecimento, sobrepõem-se às do presente para tornar-se impulsoras de relatos, onde lembrança e ficção constroem seus próprios romances.

Segundo Hans Belting, as imagens fotográficas simbolizam tanto quanto as mentais nossa percepção do mundo e nossa lembrança do mundo.<sup>5</sup> Ao nos mostrar suas fotos mais antigas, quando estas existiam, nossos entrevistados de Itaobim estabeleciam conexões imediatas com seu próprio passado e com o da comunidade, acrescentando sempre sua percepção do visto e do vivido. O posterior processo de produção da refotografia se combinava a relatos fragmentados da infância, de episódios isolados e da própria percepção do espaço e das circunstâncias da vida. Dessa forma, a fotografia deixa de ser "contingência pura", tal como preconizava Roland Barthes, para combinar-se à nossa imaginação e formar novas percepções.

Por outro lado, a fotografia da fotografia e sua superposição à imagem do momento atual não só intensifica a ausência como aponta para um espaço de vida latente existente entre as duas imagens. O que terá acontecido ao menino da foto até transformar-se no senhor que agora

<sup>5</sup> BELTING. *Antropología de la imagen*, p. 265.

vemos? E onde estarão os outros personagens que compõem a mesma imagem? O que terá acontecido com a cidade nesse meio tempo? Uma foto, diz Susan Sontag, é só um fragmento e, com a passagem do tempo, seus fios se afrouxam. Dessa forma, ela se lança a um passado flexível e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura ou de associação com outras fotos (e relatos).<sup>6</sup> Nas imagens aqui apresentadas, as leituras e associações sofrem interferências de imagens mentais dos próprios retratados, que formam breves relatos, constituídos a partir dessas fotos, e durante o próprio processo da refotografia. Por outro lado, aqueles que não tinham nenhuma fotografia de sua infância ou juventude narram episódios do passado sem o apoio do registro icônico, sem a configuração prévia de identidades, mas com imagens verbais que são, em si mesmas, um discurso de memória. Fotografias, refotografias e imagens verbais formam, juntas, um retrato fragmentado de Itaobim, tal qual um quebra-cabeças.

Situada entre o rio e a rodovia, a cidade constrói seus relatos margeando esses dois limites: de um lado, o velho Jequitinhonha, lugar de memória que, no passado, foi espaço de circulação de pessoas e mercadorias, além de ponto de encontro nos fins de semana; do outro lado, a Rio-Bahia, itinerário de viajantes, testemunho de conflitos e violências, assim como de esperanças e desilusões. Nas refotografias que aqui apresentamos, buscamos coincidir e contrastar esses dois importantes espaços em momentos diferentes.

Ao sobrepor duas imagens do rio feitas exatamente no mesmo local, com um intervalo de 35 anos, aproximamos e contrastamos os tempos ali paralisados, fazendo com que ecoem as palavras de vários de nossos entrevistados: de local de encontro, a praia se transforma em lugar ermo; o rio antes navegável, que trazia mercadorias, pessoas e novidades, é cada vez menos frequentado. As hidroelétricas, a agricultura irrigada e o plantio de monoculturas de árvores em larga escala (*pinus* e eucalipto) nas cabeceiras dos afluentes do Jequitinhonha produzem o novo cenário. Nas palavras de nossos entrevistados permanece uma contradição insolúvel: o alívio trazido pelo progresso, através de projetos e programas de desenvolvimento que melhoraram as condições de vida na

<sup>6</sup> SONTAG. *Sobre fotografia*, p. 86.

região, e a consciência da perda gradativa do rio, seu mais importante patrimônio ambiental.

A refotografia da ponte, por sua vez, une esses dois espaços fundamentais da cidade, remetendo-nos a todos aqueles que deixaram a região, aos que por ali simplesmente passam e passaram e aos que chegaram e ficaram. A poucos metros da ponte, à beira da rodovia, encontramos o Museu de Arte e Cultura, fundado em 1956, pelo baiano Canjira, com sua coleção de objetos diversos e animais empalhados, que nos indica o impulso de preservar e conservar em meio a um cenário onde tudo, ou quase tudo, está de passagem.

No início deste projeto, nos perguntávamos que imagens seriam capazes de desencadear as memórias dos habitantes de Itaobim. As fotografias e as imagens mentais do passado, mostradas e verbalizadas por nossos entrevistados, nos permitiram visualizar fragmentos de outros tempos e do imaginário de cada uma dessas pessoas, assim como da comunidade a que pertencem. Fotografar fotografias, por sua vez, foi mais importante como processo do que como resultado, uma vez que nos chamou a atenção para as relações com o mundo que cada um traz consigo, além da maneira como os relatos se construíram a partir dessa experiência. Por sua vez, os despossuídos de imagens demonstraram a riqueza de suas experiências, de seu imaginário, e as possibilidades de interrelações entre suas memórias individuais e a coletiva. Ao final de tudo, por meio desses fragmentos visuais e verbais internalizamos a cidade às margens do rio Jequitinhonha e da BR-116 e apreendemos um pouco da riqueza que lhe constitui.

Agradeço a todos aqueles que apoiaram este projeto e possibilitaram sua execução: à Diretoria da Faculdade de Letras da UFMG, ao Centro de Extensão da FALE, à coordenação do Pólo Jequitinhonha e à Prefeitura Municipal de Itaobim. Sou também particularmente grata a Tiago Lanna Pissolati, por ter me apresentado o Vale; ao Prof. Márcio Simeone, por compartilhar experiências; a Andrette Ferraz, pela acolhida e apoio fundamentais; a Manoel Rodrigues de Oliveira (Neneu), por nos ceder fotografias de Itaobim e pelas informações; a Samira Almeida e Thayane Campos, bolsistas do projeto, pelo comprometimento, responsabilidade e alegria com que desenvolveram as atividades; aos estudantes

de Itaobim, Catarina Batista Carlos, Érica Silva, Isabela Soares Costa, Manoel Júnior, Maynara Faúla Avelar e Talles Brito, pelo entusiasmo, sensibilidade e dedicação com que realizaram entrevistas e refotografias. Por fim, agradeço imensamente a cada um de nossos entrevistados a generosidade em compartilhar conosco trechos tão significativos de suas vidas, convertidos nas imagens e memórias aqui apresentadas.

*Elisa Amorim Vieira*

## **Referências**

Arqueologia del Punt de Vista. 2011. Apresenta informações sobre o projeto e exposições relacionadas. Disponível em: <<http://www.arqueologiadelpuntdevista.org/>>. Acesso em: 5 fev. 2013.

AUGÈ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2008.

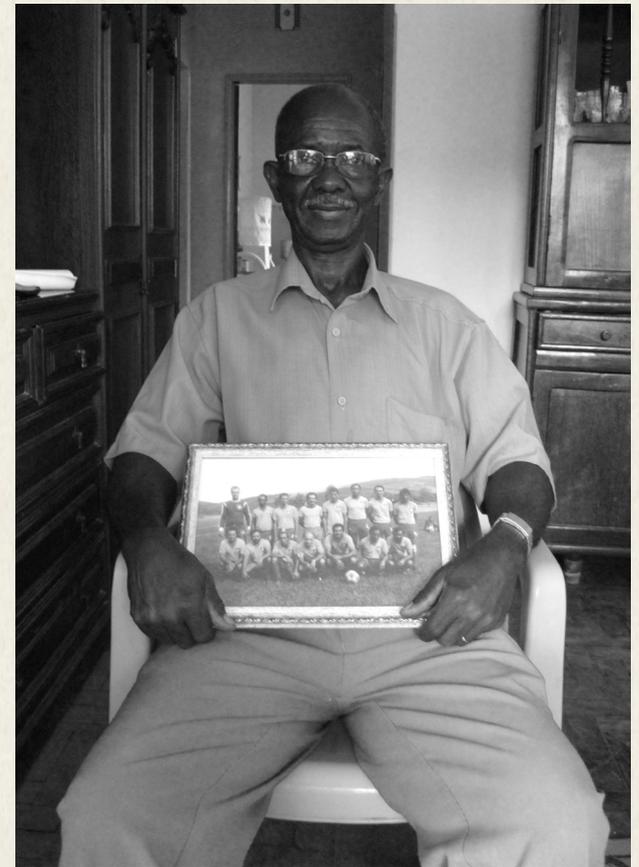
BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Buenos Aires: Katz, 2007.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

## **Parte I Memória e imagem**

**Joviniano Alves Costa (Seu Pelé), 69 anos**



Refotografia de  
Joviniano Alves  
Costa.

Foto: Manoel Pereira

Aqui, nessa fotografia, estão os meus amigos daquela época, na base de 1980 por aí. Nós jogávamos bola lá no gramado nessa época. E aí, são os meus colegas... uma parte já morreu, a outra parte está viva ainda. E esse dia foi uma pelada que nós fizemos lá. Não era jogo sério não, nós é que inventamos de fazer uma pelada, com mais gente assim, coroa, como eu. Nós jogamos muitas vezes lá e depois nós paramos. Uns aqui já morreram, outros estão vivos ainda. E eu, pelo menos, estou lutando aí com a vida, e estamos aí, não é?!

Alguns deles eu ainda tenho contato, mas tem outros que já morreram. Tenho o nome de alguns aqui: tem Tatá que já morreu, tem Barbeirinho que está vivo ainda e que mora em Belo Horizonte, tem Bé que está vivo ainda, tem Branco que está vivo, tem Zé Moreira que já morreu, tem o sargento que mora ali em Teófilo Otoni e dizem que está vivo ainda, tem Ceres que já morreu, tem Deusmiro que morreu tem pouco tempo, tem outro rapaz que eu não sei se viajou ou mudou daqui e que eu não sei onde é que está e se está vivo, tem eu que estou aqui na foto, tem Zezão Reis que está aqui também e já morreu, tem Lineu Soares que morreu, tem Luizinho, meu cunhado, que está vivo e mora ali, tem Miramar que morreu, tem Adalgilson que está vivo... e só, somente. Tem Nenê, cá nessa ponta aqui, que está sentado aqui no gramado e está vivo também, Nenê de Eurita. E o mais está tudo aqui. [...] A foto foi tirada lá no gramado de cima, no bairro São Jorge. [...] O time não participava de campeonatos não. Foi mesmo uma pelada que nós inventamos fazer, não disputava campeonato não. Já carreguei muitos de campeonato naquela época quando eu trabalhava com uma perua. E aí sim tinha disputas, essas cidades vizinhas todas eu viajava carregando eles. Naquela época, mas agora não existe isso mais não.

Tinha o time Liberdade... Tinham outros que eu esqueci os nomes... Eu carregava muito o Liberdade para disputar com os times de fora, das cidades vizinhas. Eu esqueci um bocado dos que eu carregava. Tinha alguns que nem tinha nome. Eu carregava também Polivalente, São João, Medina. Aqueles que não tinha nem nome eu carregava também. Tinha aquelas peladas que eles faziam e disputavam. Esse aqui era um time mais reforçado, então, disputava fora. [...] Nós ganhamos muito. Aqui estávamos sempre vencendo. Todos os campeonatos Itaobim

sempre vencia. Itaobim sempre ganhava os campeonatos direto, das outras cidades vizinhas sempre vencia. [...] Naquele tempo a cidade era mais parada, não tinha esse movimento que tem hoje. Tinha mais pouco morador, tinha poucos carros. Naquela época eu já trabalhava com carro, carregando gente pra tudo quanto é lado, mudanças, tudo.

[...]

E eu carregava gente pra tudo quanto é canto, era o táxi daqui. Naquela época não tinha táxi pequenininho, táxi aqui era eu com a caminhonete, com a [...] picape, aquela com a carroceria e a capota abertinha de lado. Eu carregava lotação pra Teófilo Otoni, carregava de tudo naquela época. Um dos primeiros taxistas fui eu, mas o táxi era desse tipo que eu estou dizendo, não tinha outros não. Táxi que tinha naquela época era jipe, era rural, era carro leve que não dava pra correr como corre hoje. Não tinha esses carrinhos pequenos velozes que tem hoje não.

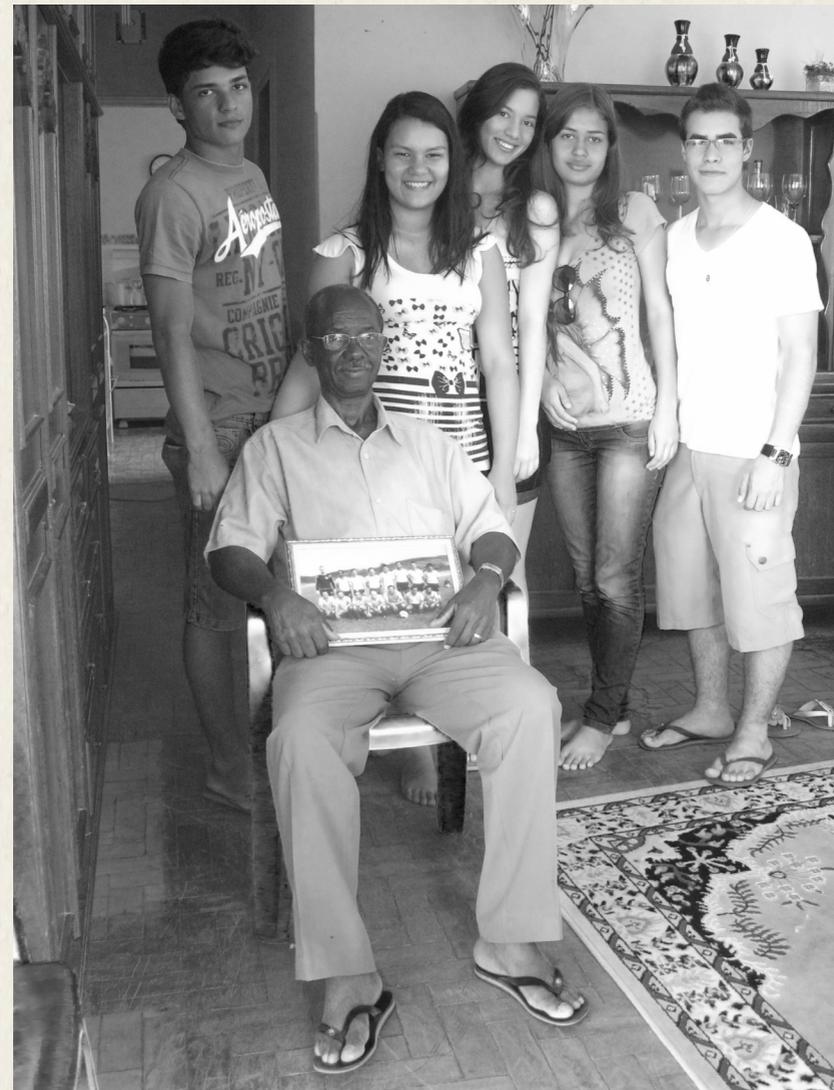
[...]

Sinto muita saudade. Naquele tempo eu era novo e por isso eu sinto muita saudade dessa época. Porque a pessoa nova é outra coisa. Quando a gente vai pegando idade fica mais cansado. Você trabalha, mas qualquer servicinho fica mais cansado, não é mais como era naquela época. Eu aguentava viajar muito, trabalhava três noites seguidas e não sentia nem sono, cansaço, porque era novo. Hoje não, hoje eu faço algumas viagens, bem poucas, mais devagar. [...] Mudou muita coisa. Hoje em dia está tudo muito fácil, hoje em dia o povo está tudo numa boa. Hoje tem muito trabalho para o pessoal, antigamente era muito difícil. Hoje em dia pode-se dizer que o povo do mundo todo está é rico. Do jeito que era antigamente, aquela pobreza danada, hoje o povo está todo rico. Antigamente não tinha aposentadoria, hoje tem. Os velhos estão todos aposentados. Antigamente, não davam aposentadoria pra ninguém não. Hoje pode-se dizer que está todo mundo rico, todo mundo está folgado. Muita gente não quer nem trabalhar. Esse pessoal que tem dois aposentados em casa não quer fazer mais nada pra ninguém. Tem a Bolsa Escola, Bolsa Família. Aqui antigamente não tinha nada disso. Às vezes, naquele tempo quando eu estudava não tinha nem uma merenda pra gente merendar. Era tudo uma pobreza demais. Hoje não, as escolas tem merenda, tem de tudo, tem cadernos pra dar os alunos, tem lápis, tem

tudo. Antigamente não tinha nada disso. Eu, por exemplo, saí da escola porque a pobreza era tão grande que eu não pude ficar na escola, porque meu pai morreu naquela época e a gente ficou em casa só minha mãe e os meninos, então, eram todos pequenos e eu tive que ir trabalhar. Então, não pude ficar na escola não. Tive que sair. E eu era o mais adiantado da escola, da aula lá era eu. A professora até chorou quando eu saí, falou assim: "Oh, Joviniano, não sai da escola não, porque da minha parte o que eu puder fazer por você eu faço. Se for por falta de caderno e lápis eu dou pra você, só pra você não sair porque você é o mais adiantado aqui da classe." Aí, eu falei: "Não, Dona Marli, não é só por isso não. É que meu pai morreu e a gente tem que trabalhar e eu não posso ficar na escola porque tenho que ajudar minha mãe." Aí saí, não pude ir mais. Mas, inclusive, o que eu aprendi também, graças a Deus, deu pra chegar lá. Eu aprendi muita coisa: sei ler, sei escrever, sei fazer qualquer espécie de conta, de multiplicar, somar, diminuir, todos os tipos de conta eu sei fazer. Muitos que estão no ginásio não sabem fazer o que eu sei. Sei fazer cálculo, sei ler qualquer coisa, sei fazer qualquer tipo de conta, diminuir, somar, multiplicar, tudo isso eu sei.

[...]

No time eu fiquei mais ou menos um ano treinando lá. Todo fim de semana nós íamos. Depois nós saímos [...] O técnico era o João Retratista. De um lado era João Retratista, do outro era Miramar, esse que está aqui. E João Retratista não está aqui porque ele é quem estava tirando a foto. Mas ele era o técnico. [...] No nosso time era a gente que fazia tudo, comprava as camisas. Não tinha o apoio de ninguém não. Antigamente era tudo difícil. [...] Sempre falo do meu passado com meus amigos antigos. Quando a gente se encontra a gente sempre conversa. Meus netos também eu dou muito conselho. Falo com eles como é a vida, como é que foi a vida, ensino a eles muita coisa. Como é que tem que ser a vida... tudo eu ensino.



Esquerda para direita: Manoel Pereira, Joviniano Alves Costa (sentado), Isabela Soares, Maynara Faúla, Catarina Batista e Talles Héber.

Foto: Thayane Campos

**Valdeci Batista Lemos, 70 anos**



Valdeci Batista.

Foto: Maynara Faúla

Antigamente nem sei bem direito. Essas ruas aí, onde mesmo que eu estou aqui, eram mato, não era casa igual tem. A gente vinha lá da fazenda por estradinha abaixo. Não era de carro, nem nada, batendo o pé. Mas nesse tempo a gente era novo, nem cansava. Ficava alegre pra vir. Era bem difícil. Não tinha o que tem hoje. Aqui não tinha luz, não tinha água, nada. Era com pobreza na cidade, porque não tinha nada nesse meu tempo de criança. Não era cidade. Era muito pequeno isso aqui, depois que foi crescendo e hoje, graças a Deus, pelo jeito que era antigamente, hoje está muito evoluído. Tem bons hospitais, assistência médica maravilhosa, bom prefeito, vereador, todo mundo feliz. Os políticos, todo mundo bem. Sou amiga de todos. Acho aqui maravilhoso. Se for para mudar para Belo Horizonte, eu não quero. Já me tratei lá demais. Sempre vou de ano em ano fazer exame de vista. Mas não me sinto feliz lá.

[...]

Muitos chegam aqui e falam: "Ah, que cidade parada." Mas para mim, que já estou dessa idade, é ótimo. Uma cidade boa. Eu amo Itaobim, gosto demais, demais mesmo. Se eu for para uma viagem igual vou para Belo Horizonte, chega lá fico com raiva. Lá no meu irmão, lá em cima, no apartamento, fico nervosa, não sei porque. Me dá uma raiva de ficar ali. A gente vai no centro, só correria. Ali é bom para jovem, mas para pessoas que já estão na minha idade, não acho bom não. Bom demais lá em Belo Horizonte. Tratamento, estudo, coisas melhores. Mas para a gente que já é de idade, não é bom. A gente quer mais é um sossego. Não sei porque estive doente. Passei muito tempo lá também. Para mim foi um trauma ficar lá.

Essa festa [,a do tição], quando cheguei aqui, que meu esposo faleceu, mudei pra cá. Tinha comprado essa casa e vim com meus quatro filhos. Nós chegamos e eles pediram fogueira. Eu apanhei lá umas lenhinhas cortadas e fiz uma fogueirinha ali. Começou essa fogueira. Um belo dia fiz uma fogueira maior. Aí meu irmão, ele faleceu esse ano, fazia hemodiálises. Lá no hospital ele viu a doutora Joana Alice falando no dia de São João: "Eu tô querendo achar um tição. Se eu achasse eu roubava." Ele botou aquilo na cabeça, chegou e contou pra mim. Eu falei que era besteira roubar tição, madeira, quê isso. Teve um dia, meu irmão ligou lá de Belo Horizonte. Falou assim:

— Oh Valdeci, eu quero te contar um negócio.

— Que negócio?

— Agora não que isso é surpresa.

Aí eu falei pra ele: "Agora não? Por quê? Eu gosto que tudo que me inventou tem que falar."

Ele falou: "Ah, eu vou falar."

Falou assim: "Nós roubamos um tição na sua casa."

Falei: "Que tição?"

— Tício de São João.

— Ah, isso é besteira. O quê que é isso?!

Aí ele falou assim: "Nós vamos entregar esse ano."

Aí eu falei: "Tá tudo bem, eu recebo."

Aí inventei a festinha. Mas foi lindo, lindo, lindo. Parece uma coisa de Deus mesmo. E veio aquela multidão de gente. Eu tinha enfeitado aqui mais ou menos. Fiz a fogueira e fiz um bocado de coisa. Entregou! Aí veio o primeiro ano, o segundo, o terceiro, já está no oitavo. A gente foi continuando, está no oitavo. Agora minha filha quer que acabe, mas eu estou pedindo orientação de Deus. Que é tão ruim. Eu gosto da festa. Sei gostar demais. Não sou mulher de ir em festa. Já aqui em casa eu faço tudo. O que posso fazer, faço. Dou alimento para as pessoas comerem, ali naquele momento, várias coisas. Faço a fogueira com o maior carinho do mundo. E esse ano, se tiver roubado, eu vou fazer tudo para fazer nova festa e se não tiver roubado eu vou paralisar a festa, não quero não.

[...]

Gosto de movimento. Não tenho espírito de velha, tenho espírito de jovem. Sou acabada pelo tempo, pelo vento, mas não sou velha. Meu espírito é de jovem. Graças a Deus. Tem gente que às vezes tem 50, 60 anos, já está dormindo cedo, com preguiça. Não quer fazer nada. Eu gosto só de beleza. Gosto de beleza.



## Isaias Vieira da Costa, 79 anos

Nasci em 28 de janeiro de 1933, em Muriaé, Minas Gerais. Vim em 1959. Vim para cá porque entrei pro DNER e eles mandaram eu para cá. [...] Operador de máquinas rodoviárias. [...] Fazia patrol para acertar a estrada, carregadeira, aquela motoniveladora. Motoniveladora é patrol e carregadeira é que enche de água, de terra para carregar o caminhão.

[...]

Vou te explicar como era. Naquela ocasião não tinha rede de esgoto. A água era puxada por jumento. Então, um jumento trazia quatro latas. A gente já tinha um tambor aqui pra despejar a água. E depois entrou um carro aqui que distribuía água. O senhor Hermelindo Caldeira, mais apelidado pela prefeitura, ele trabalhou na prefeitura de Teófilo Otoni. A esposa dele está aí até hoje ainda. [...] Porque aqui é uma cidade assim, boa. Falta uma fonte de trabalho, que não tem. [...] Positivas. Positivas, pois a água era no ombro de animal. Hoje tem água encanada. [...] Não, hoje tá melhor. O povo aqui é um povo humilde. É região de pouca chuva.

Valdeci Batista  
entrevistada por  
Talles Héber.

Foto: Maynara Faúla

Oh, meu filho, aí era difícil demais. Pra meu pai deixar a gente ir numa festa ou ele ia ou meu irmão mais velho. [...] Ninguém beijava, ninguém pegava na mão de rapaz. Naquela época, nada disso. A gente também, quando tinha negócio na fazenda, você sabe como é que é, coisa muito apagada. Eu nunca fui em clube. Fui em clube, assim, em casamento de parente. Mas dançar em clube, coisa nenhuma de cidade, nunca fiz isso. Às vezes esse meu cafonismo é meu pai que deixava a gente presa. Mas agradeço a Deus. Porque que tenho honestidade. Porque meus pais souberam me criar. Não me soltou aí. Hoje não são todas não. O pai fala assim com a filha: "Não vai em tal canto." Ela solta e não sabe onde tá entrando. E nesse tempo não usava isso. Hoje ninguém vai reparar, pode fazer o que quiser. Agora nesse tempo não usava isso.

## Ivan Martins Trindade, 86 anos

Nasci aqui. Morei um tempo fora, mas voltei pra cá. Morei naquela praça lá em baixo, mas a minha casa há muitos e muitos anos sempre foi nesta casa. Desde que fez a casa de pai, que limpou isso aqui, construí minha casa e moro aqui. [...] Costurava, vendia roupa, trabalhei no ginásio uns quatro anos.

[...]

Eu sinto falta de meu pai, quando ele morava aqui, ele é que fez isso aqui. Aqui era outra coisa. Hoje Itaobim tá morta, morreu. Ninguém liga para mais nada. Tem hora que você sai na porta e não vê uma viva alma na rua. Aqui era animado. Tinha mais movimento e tudo, hoje não tem nada. Acabou! Eu sinto muita falta daquele tempo. [...] Mudou muita coisa, porque antigamente Itaobim era viva, tinha movimento. E hoje mudou tanto, que não tem nada. Você vê, não tem emprego para os jovens. Não tem nada, nada, nada. A mudança é essa. Acabou!

[...]

Sinto falta daqueles amigos antigos, que eram amigos de meu pai. Porque meu pai foi político. Ele é que fez isso. Então tinha aqueles amigos dele que eram amigos fiéis. Hoje, para falar amigo é preciso saber. Eu sinto falta. E sinto falta do movimento que tinha. Tinha movimento, hoje não tem mais nada. É o que sinto. E sinto também quando estava reunida com todos os meus filhos. Mas depois que foram estudar, foi separando, depois casou e eu fiquei só. De vez em quando é que vem um para passar um tempo comigo. Me dá alegria, e meus amigos que me dão muita

alegria também. Vou abrindo a porta e tem um "Bom dia, vamos sentar, quer tomar um cafezinho?", e assim por diante. Tá bom demais!

[...]

Eu não lembro de mais nada, não. Francamente! Não lembro não.

[...]

## **Maria do Livramento Lopes (Dona Lilia), 74 anos**

Não sou de Itaobim, mas me considero porque agora sou cidadã honorária de Itaobim. Eu vim pra cá, pra Itaobim, em 28 de outubro de 1960. O objetivo era porque meu esposo era tratorista e estava começando aqui o trabalho do asfalto, pois as nossas estradas não eram asfaltadas. Então, foi um trabalho bonito e demorado. Ele veio pra trabalhar como tratorista, mas a minha irmã já morava aqui.

[...]

Naquela época, Itaobim era bem pequeno, era uma cidade bem calma, tranquila, era uma família reunida. Todo mundo conhecia todo mundo. Não tinha os recursos que tem hoje, mas era uma tranquilidade. A gente apanhava água no rio. Os meninos traziam água através dos animais, nos jumentinhos. A luz não era essa luz boa, hidráulica, era uma luz que clareava muito pouco que era do motorzinho da beira do rio São João e só era até onze horas da noite. Não tinha essa luz boa, depois é que veio o DNER e colocou a energia na nossa cidade. [...] A cidade era pequena, mas apesar de pequena era uma cidade muito boa. Tinha várias coisas pra gente participar, era muito alegre, o pessoal fazia festas, tinha as festas religiosas no mercado lá embaixo, tinha os leilões, tinha as barraquinhas, tinha muita coisa boa, carnaval, tudo tinha. Era uma cidade pequena, mas era uma cidade animada. O futebol era muito animado, tudo era muito animado, muito bom. [...] Ser professora de Itaobim, naquela época, era engraçado, porque não tinha professores formados. Os professores que eram efetivos tinham apenas um curso, faziam esses

cursinhos e davam aula. Aí, o governo garantia aqueles professores, mas eram todos muito responsáveis, eram professores de garra mesmo que ensinavam, porque naquele tempo ensinava pra valer. As leis não eram como hoje que fica mudando. A escola não tinha nada, o professor que se virava pra fazer cartaz, pra inventar as coisas, pra criar pra poder enriquecer o ensino. O ensino era simples, mas era muito bom. Não tinha os recursos que tem hoje. E hoje não, hoje é tudo bom, tudo bonito, escolas boas. Na época que eu comecei dar aula, que eu era leiga (a gente era considerado professor leigo), não tinha nem carteira, não tinha nada. A gente ia nas vendas pra pedir aqueles caixotes de querosene para o menino sentar. A gente organizava a sala bonitinha e o aluno aprendia bem. Os alunos saíam na quarta série de grupo bem mesmo, porque eles aprendiam tudo. A gente tinha que seguir um programa que vinha da Secretaria da Educação e a gente tinha que dar conta. [...] Eu dei aula desde o pré, até o ensino fundamental, ensino médio. [...] Nós fazíamos desfiles maravilhosos aqui na cidade. Sem recurso, sem nada, a gente criava, cantava com os alunos, ensinava desfilar tudo direitinho, era muito bonito. Isso logo que eu cheguei, porque depois foi melhorando. Depois criaram o ginásio Lúcio Bitencourt. Aí foi melhorando o conhecimento das pessoas, foi melhorando também o ensinamento. Na primeira turma que concluiu o ginásio eu saí, participei, estudei e formei na turma de ginásio. Era o Ginásio Comercial Lúcio Bitencourt. Depois em 1970, muitos alunos que tiraram o ginásio aqui foram pra fora estudar. A gente não tinha condições de ir, porque dava aula aqui e tinha família.

[...]

Eu formei na primeira turma do magistério, cuja turma eu fui oradora. [...] Antes de ter ginásio e ter escolas de segundo grau, o magistério, a gente ia pra escola, a gente fazia cursos de aperfeiçoamento fora daqui, em Pedra Azul, chamado curso de suficiência, mas naquela época a escola tinha muita influência política. Então, a gente começava a trabalhar. Se você era de uma corrente política você trabalhava. Aí, quando a outra corrente ganhava, ela te tirava da escola. Assim aconteceu comigo e com muitas outras daqui. Depois, quando a corrente da gente ganhava a gente tornava a voltar pra escola. Aí, quando surgiu o ginásio a lei começou a vigorar por direitos. Quem tinha cursos começava a trabalhar.

Depois veio o magistério. Hoje, pelo contrário, todo mundo pra trabalhar numa escola tem que ter curso superior, tem que trabalhar e estudar mesmo e é o que é certo.

[...]

Eu sai da escola em [19]98, eu trabalhei 37 anos na escola. Entre o ensino fundamental e o ensino médio, eu trabalhei. Fui até professora do Mobral e todo tipo de ensino eu participei. Hoje é diferente porque foi evoluindo. Hoje, praticamente, eu não sei nada mais do que se passa na escola porque cada ano vai mudando. Vai mudando, acrescentando coisas que não era do nosso tempo. Eu acho que o ensino, de uma certa forma, está evoluindo muito e pra vocês, jovens, é isso aí que tinha que ter, não pode ficar lá atrás. Agora, no meu conhecimento, alguma coisa tinha que permanecer.

[...]

O nosso rio Jequitinhonha era um rio rico em peixes. A água era muito boa, uma água cristalina que a gente via os peixes dentro da água. Então, essa foto que você está vendo aqui, esse barco com a minha família aqui, e várias pessoas e os canoieiros, nós fomos no estreito para pescar. E pescar de anzol. Então, tinha peixes maravilhosos, traíras grandes de dois quilos, de três quilos, tinha muito peixe. Hoje eu acho que não tem a quantidade de peixe que tinha naquela época. E era uma forma também da gente passear na beira do rio. Tinha praias lindas ali pra baixo do estreito. E tinha essa navegação. Nesse outro barco que está com a vela, ele era pra transportar verduras que vinham das roças para a beira do rio. Vinham pra praia perto da mangueira aí. Então a gente ia com o cesto e com o dinheiro e comprava muranga, quiabo, maxixe, essas verduras da época. Eles traziam pra vender pra gente aqui. Traziam peixes também. Vocês vejam o rio que maravilha que era. Era totalmente limpo, com muita água. Hoje é bem diferente.



Refotografia da  
praia de São  
Roque.

Foto: Maynara Faúla e  
Talles Héber

Nos domingos vinha gente até de Teófilo Otoni pra praia aqui. Na época do verão, ali na ilha do Bento, no carnaval o povo ia todo pra beira do rio, era muito bonito, muito bom. Tinha barracas, aquelas músicas carnavalescas e tudo muito alegre, tudo muito bom mesmo. Hoje a gente já não vê isso mais. Também o pessoal já civilizou mais, já sai daqui pra ir pra Porto Seguro, pra ir pra praia marítima. Mas nosso rio era muito animado. Tinha festa de carnaval, nas férias vinha muita gente de fora pra cá. Gente que morava em Belo Horizonte vinha pra cá. Era muito bom. [...] A cidade era muito boa. Tinha o cinema de Otake que eu sinto falta, porque a noite abria o serviço de alto-falante e passava filme à noite. Era um *footing* ali da casa de seu Afonso. Não tinha aquela praça, até na porta do cinema. Moças, rapazes, tinha o bar do seu Áureo Martins que tinha um movimento muito grande. A rua era muito movimentada. Tinha muita festinha, eu sinto falta de tudo isso. A gente sente falta porque a

turma era muito alegre. A gente ia pra casa de um, pra casa do outro e ficava até tarde. Tinha uma boate chamada Cancela Mil e Trinta. A gente saía da escola à noite, passava por lá, dançava um pouquinho e vinha pra casa. Não tinha maldade. A gente andava sem medo. Não tinha esse negócio que existe hoje, não só em Itaobim, em todo lugar tem, você não tem mais aquela tranquilidade. Você não ouvia falar em arma, você não ouvia falar em nada, só ouvia falar em harmonia. Em vez de arma, era harmonia, era amizade. Itaobim era uma família reunida. Você conhecia todo mundo, todo mundo era alegre, todo mundo vivia bem. Era muito bom. A gente ia pra igreja, ia para as missas, tinha leilões, tinha festas que continuam hoje. Tinha mais festas religiosas. Tinha uma turma que gostava de fazer seresta na casa dos outros, uma turma grande tocava violão. Até esse pessoal que tocava não existe mais. Tinha seu negro Mariano que tocava trombone, tinha outro... Diva que tocava violão. Eu, comadre Dilma e muitas outras pessoas fazíamos seresta.

[...]

O *footing* era o passeio. Hoje existe muita maldade. Por exemplo, a moça se der o braço a outra moça (você nem deveria gravar isso), eles falam hoje que é lésbica, que é isso, que é aquilo outro. Se o rapaz sair com outro rodando pra lá e pra cá, já falam que aquele rapaz é *gay*. Então, não existia isso. A gente dava o braço, saía e ia pra igreja, pra missa. E depois da missa passeava. Agora, olha que coisa saudável, você vinha cá da porta do seu Afonso, conversando, aquele tanto de gente descia e subia, descia e subia. Aí, um dia eu sentei com Rosinha, que foi minha amiga, e disse: "Oh, Rosinha, nós vamos hoje preparar pra ver de onde esse povo sai e como é que sai." Eu sei que saía e ninguém via. Quando dava oito e meia, nove horas, muito era dez horas, ia saindo todo mundo. As meninas que moravam lá embaixo, muito bonitas – Valdete, Iracema, Odete, aquelas meninas de dona Eva, Ivonete –, aquela turma toda subia tudo arrumada, tudo bonita. Aline, uma moça que morava ali embaixo que era muito bonita, a irmã de Aline, Mavio, esse povo todo. Nilsa era uma rainha, uma beleza aqui da cidade. Então, subia. Arrumava, subia e vinha passear, não tinha jardim, não tinha nada. Passeavam pra lá e pra cá, iam para o cinema e depois do cinema ia pra casa dormir. Era tudo muito bom, muito bom mesmo.

Eu gosto de Itaobim mesmo porque eu tenho mais anos vividos aqui do que na minha terra. Porque eu vim de lá com 22 anos e tem 52 anos que eu vivo aqui. [...] Conto muito do passado para os meus netos. Eles sabem tudo, eles acham até graça quando eu conto tudo o que aconteceu.

[...]

Então, como eu disse a vocês, eu coleciono retratos, eu gosto de documentar tudo. Eu me considero uma pessoa super feliz. Deus foi muito poderoso comigo. Deus é muito meu amigo e gosta muito de mim. Hoje eu sou uma voluntária na cidade, nunca deixei de colaborar com ninguém da cidade. Sou amiga de todo mundo, hoje eu sou voluntária na igreja, no hospital e se precisar de qualquer coisa eu estou aí. Eu gosto de movimentar.

## **João Pereira dos Santos, 60 anos**

Sou de Itaobim. Nasci na zona rural e aos oito anos vim para a cidade, para a escola. Fiquei um tempo fora pra estudar, dez anos, e voltei para Itaobim.

Eu comecei como balconista, vendedor de lojas. Depois, quando eu me formei em Matemática comecei a ser professor. E depois quando eu terminei Engenharia fiquei sendo professor e engenheiro. E, às vezes, nas horas vagas eu era voluntário no hospital. E lá eu cheguei a ser diretor por dois anos como voluntário. [...] O hospital na época que eu peguei, eu entrei para ser vice-presidente da fundação com o padre José. O hospital não tinha como pagar funcionários e às vezes não tinha dinheiro pra comprar remédio, pra comprar nada e ainda devia para o INSS. Aí, nós trabalhamos e conseguimos recursos de amigos do padre da Itália, recursos estrangeiros, conseguimos ampliar o hospital e chegamos a criar algumas coisas e eu cheguei a ficar no meu mandato de presidente.

Eu trabalhei 34 anos como professor antes de entrar pra prefeitura. Estaria fazendo 38 anos agora. [...] Na escola eu trabalhei com matemática e física. Eu tinha um bom relacionamento com os alunos. Tinha liberdade com os alunos de conversar, de aproximar do professor. Então, nessa parte aí eu tinha uma facilidade muito boa. O que a gente notava era exatamente a falta de recursos, de incentivos, os salários do governo eram muito baixos, falta de incentivos dos professores a trabalharem, o que leva a gente até a procurar outra profissão. Eu, por exemplo, continuei a ser professor, mas quis fazer o curso de engenharia também porque era um sonho e financeiramente também melhor.



Manoel Pereira  
entrevista João  
Pereira dos  
Santos.

Foto: Talles Héber

As condições de vida naquele tempo eram bastante diferentes de hoje. Olha, por exemplo, a luta que a gente teve com a saúde. O cara adoecia aqui, primeiro ele tinha que pedir um parente pra arranjar um carro ou um político pra levar pra outro lugar, outra cidade. Às vezes, a gente tinha que levar pra Medina e a gente tem um avanço tão grande hoje na saúde que as pessoas de Medina hoje é que vem fazer tratamento em Itaobim. Então, isso é uma coisa que avançou e a gente conseguiu desenvolver bem. Mas era muito difícil. Por exemplo, o pobre não tinha muita oportunidade, principalmente pra estudar. Hoje a gente vê a escola pública, ela além de ser de boa qualidade, não vou dizer que é espetacular porque depende de uma série de fatores, mas a escola a gente pode dizer que é boa.

Vou falar da minha situação que na época era a mesma dos jovens de Itaobim. Eu tinha doze anos quando eu comecei a ser balconista. Fui ser balconista pra quê: eu tinha oito irmãos, sou o mais velho dos homens e tenho duas irmãs mais velhas que eu, e a gente estava em uma situação financeira muito difícil porque meu pai tinha ido embora e a gente morava só com a minha mãe e eu tinha que trabalhar pra ajudar a comprar comida para os meus irmãos. Eu tinha doze anos e precisava trabalhar pra comprar a comida para os meus irmãos. E, além disso, eu teria que pagar a escola se eu quisesse estudar. Estudei, graças a Deus. A primeira escola gratuita que eu estudei foi na Universidade de Ouro Preto. As outras todas eu paguei. A faculdade de matemática eu paguei,

o curso de pós-graduação, também foi pago pelo Estado, na época foi um convênio que o Estado fez, foi de graça, na UFMG. Agora, os outros todos eu paguei: curso de matemática, curso de segundo grau, ginásio. Eu só estudei de graça na escola Chaves Ribeiro. A gente teve dificuldades. Aqui não tinha escola perto, não tinha transporte, não tinha nada. E a gente conseguia. Hoje temos alunos aqui que estudam em Teófilo Otoni, a prefeitura tem um ônibus que fornece e as pessoas vão. Então, melhorou muito. A qualidade de vida das pessoas daqui melhorou bastante.

[...]

Nós chegamos a um ponto que você tinha que ir no rio tomar banho ou então buscar água numa lata pra jogar em casa num banheiro pra você tomar banho. Tinha um caminhão que entregava. Quem podia comprar água do caminhão comprava – e água suja, água com barro. Aí, você comprava água, colocava na caixa e tomava banho. Depois veio a água encanada da Copasa. Essa água chegou aqui em 1974, 1975. Depois chegou a rede de esgoto, está chegando agora. Inclusive, Itaobim é uma das primeiras cidades do Vale do Jequitinhonha a ter esgoto tratado, a maioria não tem ainda.

[...]

Há cinquenta anos atrás, a cidade praticamente terminava aqui nessa praça Tiradentes. O resto era mato. Quando eu fui para o primeiro ginásio estadual que foi construído depois da Rio-Bahia, lá era mato. Nós íamos para o meio do mato, lá pra escola. Hoje é o melhor bairro de Itaobim, a população de lá parece que é até maior que a daqui do centro. Então, a cidade cresceu muito.

[...]

Sempre a gente tem saudades e o comportamento muda, a cultura muda, mas falta acho que não, porque quando a gente avança, que a cidade cresce e melhora, as coisas sempre mudam pra melhor. Então, a gente tem saudade daquela vidinha. A praia a gente tinha um acesso melhor, tinha um rio que a gente passava o dia inteiro jogando bola na praia, tinha uma praia bonita. E hoje já reduziu bastante. E as margens do rio também foram acabando, fechando e, às vezes, o pessoal tem medo de ir por causa da violência. Inclusive, nós estamos querendo resgatar isso. Uma das coisas que eu coloquei no plano de governo era de

construir a orla, exatamente para devolver para a população o rio. Não foi possível ainda porque é um recurso muito alto e você não tem financiamento federal. Eles falam que orla só pode fazer no mar. Então, a gente conseguiu comprar a maior parte das terras das margens do rio.

[...]

Depois tivemos uma fase muito difícil que o rio começou a vir poluído pela mineração que tinha lá na parte de cima, com dragas, e a água vinha suja. Então, nós ficamos um bom tempo a esquecer do rio. Agora que o rio começou a limpar com a barragem de Irapé a gente tem que buscar o rio de volta. Exatamente o que a gente quer fazer: levar o pessoal, ter um acesso melhor, construir alguma coisa na margem do rio.

[...]

Como eu já disse, minha família é daqui, o meu avô foi um dos primeiros moradores, Antônio Ramalho Pinto. Foi quando em 1930, 1932, foi quando ele comprou uma propriedade aqui e trouxe uma loja que tinha lá em Santana e passou a ser comerciante, foi praticamente no início da cidade. A minha família sempre [...] militou na política.

[...]

Nós criamos um jornal, eu, o Aurélio Silva, o Tadeu Martins, Jorge Abner, Carlos Figueiredo, então nós criamos o jornal Gerais e nisso ele se tornou regional. E esse jornal começou a circular em todo o Vale e daí no segundo ano nós já criamos o FestiVale. Inclusive, aconteceu aqui em Itaobim a primeira edição do FestiVale e no terceiro ano também foi aqui.

## Gilson Alves Meneses, 46 anos



Refotografia de  
Gilson Alves.  
Foto: Manoel Pereira

Sou nascido e criado aqui em Itaobim. [...] Eu vim pra cá (Bairro Estação da Luz) porque meu pai sempre morou na roça, minha família sempre morou na roça, e o nosso trabalho pra sobreviver era a taboa. A gente tirava a taboa pra amarrar esteira, pra vender aqui na feira de Itaobim pra sobrevivência. Então, nós viemos pra cá porque ficava mais perto da cidade e a taboa também a gente estava conseguindo por aqui, mais perto da cidade. Esse foi o motivo da gente ter vindo pra cá. Saímos lá da roça e viemos para aqui, pra comunidade mais próxima da cidade. [...] Eu falo bastante do meu passado. Minha família trabalhava fazendo rapadura, farinha. Trabalhava sempre só na roça plantando milho, feijão, cuidando de roça. Depois que a gente veio pra cá, nós passamos a trabalhar com a taboa, por isso, eu sempre falo com meus filhos, para a tia Pretinha passava pra gente, hoje eu passo para os meus filhos, para os meus netos, tudo sobre o trabalho que a gente sempre fez.

[...]

A gente sente muita falta porque a gente sempre teve matéria-prima pra trabalhar com tudo o que a gente sempre fez, era mais fácil antigamente. A gente conseguia ali um cipó pra trabalhar, conseguia taboa pra trabalhar, conseguia fazer roças... Hoje a gente não tem como fazer porque nem sempre a gente acha terra disponível pra fazer as roças. Não tem aquela mesma facilidade que tinha antigamente. Antigamente a gente cuidava dos filhos da gente era com a nossa própria roça, a gente criava porcos, galinhas e tudo mais para a sobrevivência. Hoje em dia a gente não tem mais essas condições por estar aqui mais próximo da cidade. Se a gente tivesse um lugar lá na roça pra trabalhar, pra gente seria muito mais vantagem. A gente sente saudade é disso aí. [...] O nosso trabalho a gente aprendeu mais com os nossos antepassados porque a tia Maria Pretinha, o meu pai, a minha avó, os meus avós sempre trabalharam com isso. Eles faziam um balaio pra levar pra feira, faziam jequi pra pescar no rio, faziam jacá pra carregar nos animais e faziam esteira pra vender na feira. Aí, nós fomos aprendendo. [Dona Pretinha] tem 106 anos, então, foi uma pessoa que aprendeu bastante lá atrás pra vir ensinando a gente. Aí, nós fomos aprendendo com ela, com a mãe dela, com meus tios, meu pai, todos foram ensinando a gente e a gente vai levando pra frente pra não deixar morrer aquela coisa do passado. A gente procura conservar.

Eu imagino que essas crianças que a gente está ensinando hoje em dia, que elas queiram levar adiante o nosso trabalho, que queiram mostrar o nosso produto e mostrar que são artistas, que sabem fazer uma arte também. Então, eu imagino que elas vão levar adiante o nosso produto, que não vão deixar parar o nosso trabalho.



Gilson Alves entrevistado por Isabela Soares.

Foto: Manoel Pereira

**Maria Gomes Dias (Dona Pretinha), 103 anos**



Dona Pretinha  
entrevistada por  
Érica Júnia.

Foto: Elisa Amorim

Então, fui criada desse jeito: na roça, pegando duro, cortando de foice, cortando de machado, batia no tacho pra fazer rapadura, pra fazer tijolo, tirava mel, tudo eu fazia. Quando chegava a noite que era pra descansar, eu ia arrumar a cozinha de modo a deixar a cozinha arrumada pra minha mãe que era doente e ficava na casa com os meninos pequenos. Então, eu fui criada, fui rolada. O pai da gente, na mesma hora que estava ali, dizia: "Vocês cuidam do serviço de sua mãe, pra deixar [tudo pronto] pra ela, que amanhã nós vamos cortar roça, nós vamos derrubar roça." E tínhamos que ir com uma panela de leite, uma de abóbora, uma de batata e levava na cabeça pra comer meio-dia na roça, pra aguentar trabalhar até a noite. À noite a gente chegava [e ouvia]: "Olha, tem aqui uma costura pra você fazer, veio alguns panos pra você fazer uma marca." Aí então, eu ia fazer marcação, marcava pra fazer ponto cruz. Então não tinha descanso, o descanso era na roça quando a gente sentava pra comer. Era só naquela hora. Dava meio dia, minha mãe levava comida e, quando chegava lá, nós tínhamos que comer com sentido no serviço pra fazer. Levava uma carga de roupa pra gente lavar. Lavava, botava pra enxugar e na hora dela vir embora ela descia com a roupa e a gente ficava na roça. Era desse jeito, do contrário era farinha. Era mexendo com farinha. Era um mês tirando goma, ralando mandioca, e era na mão. Jogava roda igual homem pra fazer. Foi uma vida dura, dura. Eu melhorei muito a minha vida depois do artesanato, foi aí que melhorou um pouco. [...] Sou de Itaobim. Nasci num lugar chamado Pedra, numa roça. Então, nasci lá, mas fui criada aqui. [...] Antes do artesanato eu trabalhava com roça, com cozinha dos outros, cozinhei muito na cozinha dos outros e em hotéis.

[...]

Antigamente era difícil ter amigo. Tinha amigo até demais, mas passeio era nenhum porque os pais não deixavam a gente sair. Se saísse era com eles. Os filhos eram governados pelos pais. Se mandasse a gente ia, mas se não mandava... Até depois de eu casada a minha mãe ainda me governava. Ela dizia assim: "Seu serviço é tratar do marido e dos filhos, não é de viver bestando, vagabundando não." E a gente tinha que obedecer. Se não obedecesse a taca comia: batia. Até depois de eu casada ainda apanhei muito dela. Ela, meu pai, todos batiam. Tinha que obedecer.

Era uma lei dura, uma lei segura. Antigamente não tinha diversão também não. Tinha festa que o povo fazia pra São João. A diversão era essa, mas não tinha outra porque ninguém tinha conto pra fazer festa. Nossa vida era trabalhar e ir na missa. Na missa os pais levavam.

[...]

O pai da gente era duro. E minha mãe falava: "Olha, eu vou cuspir aqui e você vai lá entregar essa roupa e voltar e esse cuspe não é pra ter secado." Se o cuspe secasse podia esperar a taca. Ela cuspi e mandava a gente ir. A gente ia correndo e voltava correndo. Era duro. Então, era uma vida dóida. [...] O meu marido foi muito bom, quer dizer, o derradeiro. O primeiro não, porque o primeiro me deixou com filho nas costas.

[...]

Eu sinto muita falta da saúde que eu tinha e da coragem que eu tinha. Porque se no tempo de hoje eu fosse como no tempo de eu nova era outra coisa. Tudo pra mim era fácil.

[...]

Antigamente a vida era muito dóida. Pra ganhar mil réis tinha que ganhar ele ralando. E hoje eu ganho mais é sentada porque eu não aguento fazer o serviço. Meu serviço é trançar, lavar uma roupinha. Outra hora quando eu vou começar a arrumar a casa, a cabeça falha e eu deixo.

[...]

Itaobim mudou muito, cem por cento. Itaobim era uma roça. Nós plantávamos onde hoje é a cidade de Itaobim. Plantava feijão, milho, tudo a gente plantava dentro de Itaobim.

[...]

Tinha muita gente nas casas, mas era tudo casa de barro. Quem tinha uma casinha melhor era Julinho, era Valdemar; Zé Pedro fez uma correndo; Geraldão chegou muito por último; Erônio que morava na chácara. E a gente morava era no vale, dentro de Itaobim num ranchinho tampado até de palha de coco. Era assim que era. Itaobim melhorou porque cresceu: aumentou loja, aumentou venda, aumentou supermercado, tudo. E antigamente a gente carregava. Hoje você vai comprar as coisas, mas tem o carro pra trazer, tem o carro pra levar e antigamente era no pé e na cabeça. Carro era a cabeça.

Só tinha três açougues. Quando teve a enchente levou as coisas que tinha tudo dentro de Itaobim, do comércio velho. As coisas que tinha, as casas que tinham acabaram. Só ficou a igreja do comércio velho. Aí nós ficamos na pior, passando muita necessidade.

[...]

Mas depois que o comércio foi crescendo, aumentando, e as coisas melhorando e o povo de fora fez a estrada, ficou bom pra gente. Eu quase mato meu filho, correndo de carro porque nunca tinha visto um carro na vida. De modo que o primeiro carro que apareceu foi uma daquelas máquinas que trabalham. Então, quando ela arribou a cabeça eu falei: "Ai, meu Deus, vai me comer com meu filho e tudo." Eu achava que ia comer porque nunca tinha visto aquilo na vida. E eu saí correndo e subi numa moita de espinhos com o menino, trançada no menino, não sei como foi que eu subi não. Agora, minha mãe já tinha se acostumado com os carros que passava. E aí, sentido falta de mim foi atrás de mim e me achou em cima desse moitero. Aí me tirou e eu fui embora. Aí eu falei: "Mais nunca eu venho aqui." Mas depois eu fui acostumando, acostumando. O avião quase que a gente morre de dor de barriga. Fazia promessa enquanto o avião estava andando e falava: "Oh, meu Deus, o mundo está acabando. É o mundo que está acabando e vai morrer todo mundo." E minha mãe falava: "Corre, meus filhos. Eu morta na sala com meus filhos." Ajuntou minha mãe, juntamos nós todos, nós éramos dez filhos. Juntamos nós todos e colocou num cantinho da casa e rezando. E eu vi papai apanhar um santo e dizer: "Eu vou morrer trançado nesse santo." Era um São Sebastião. Eu tenho certeza. Ele pegou o santo, estava com o santo seguro e dizia que era pra revogar: "Vai revogando, olha lá, já está sumindo, o santo está tirando, está guiando." Outros cantavam, diziam que estavam todos rezando. Puseram a gente pra cantar que era para o mundo não acabar. Aí depois que esse avião sumiu pra lá, papai disse: "Graças a Deus, nós vencemos." Veio a escuridão e eu estava de resguardo dessa menina que está aí na foto. Via galinha empoleirando e o mundo escurecendo. Eu estava lavando alguns panos do menino num córregozinho que passava. Aí quando eu vi o escuro, corri lá pra casa com meu filho. E minha mãe passou a escuridão toda andando e correndo lá pra minha casa, com medo de eu morrer lá sozinha.



Refotografia de  
Dona Pretinha.

Foto: Manoel Pereira

Não me lembro da primeira vez que vi uma televisão. Não me recordo nem como é que era. Eu só sei que depois que tinha passado um bocado de tempo, eu vi alguns meninos no pé de uma porta e perguntei: "O que é que aqueles meninos estão caçando ali?" Estavam assistindo televisão da casa da vizinha. Eles fechavam a porta para os meninos não ver: "É só pra nós, não é pra menino de fora ver não." Aí depois que nós fomos acostumando a ver televisão. Mas as primeiras eu nunca vi, não lembro não. Não tinha. Não tinha rádio, não tinha nada. Candeia para iluminar era de mamona. Pegava a mamona, quebrava, descascava e enfiava tudo num espeto. Pegava a cera e rasgava um cobertor inteirinho, passando cera, pra cortar e iluminar porque o que tinha era isso. Quem tinha um lampião, daqueles lampiõzinhos de tubo, era tubarão, era gente que podia.

Conheci o cativoiro, entrando no forno de biscoito. Os cativos eram os negros, da alforria. Eu tinha uma tia que era e essa tia era toda queimada. Ela queimou o rosto socando uma mão dentro do forno grande pra puxar uma lata de biscoito. Eles bateram com taca. Ela tinha um remendão no rosto e nos braços. Então, eu conheci esse povo, pouca gente, mas conheci. Deus me ajudou.

[...]

O que mais me estragou foi o cigarro. E eu falava: "Hoje ninguém me vê aqui, hoje eu vou para o córrego pescar." Isso era no tempo em que eu já não estava mais, a idade estava já bem avançada, e eu falava: "Hoje eu não vou trabalhar pra ninguém, vou para o córrego." E ia para o córrego, pegava um tanto de roupa e ia lavar. Ficava o dia inteiro lá e quando chegava em casa eu já estava boa. Chegou numa altura que eu pensei e falei: "Bebida não dá na minha vida, já estou de idade e eu vou parar." Aí deixei de beber, deixei de fumar, deixei de tudo. Hoje minha festa é ficar aqui no fogão, no meio dos carvões. Não tem outra diversão pra mim não.

[...]

Aqui melhorou muito, cem por cento, porque tudo o que você queria você tinha que ir na rua. Hoje não. E depois do artesanato melhorou,

porque o ArteLuz<sup>1</sup> depois que começou foi muito bom pra gente. A gente custa na verdade vender. Custa a gente pegar num trocado, mas às vezes na hora do maior aperto aparece um filho de Deus que compra.



Dona Pretinha  
enrevistada por  
Érica Júnia.

Foto: Manoel Pereira

<sup>1</sup> O ArteLuz é uma associação de moradores do Bairro Estação da Luz, Itaobim.

**Brasiliano Pereira Reis (Canjira), 85 anos**



Refotografia de  
Canjira.

Foto: Talles Héber e  
Manoel Pereira

Sou de Salvador. Sou técnico em solda. Nasci cego e lá na Bahia, quando o rapaz vai servir o exército, tem que sair com uma profissão definida. E então, quando eu fui fazer o exército me perguntaram qual era a profissão, eu disse que era ferreiro. Aí o capitão que estava perto disse: "Você não vai ser ferreiro, vai ser soldador." Então eu fiz o curso de solda, mas quando eu encontrei meu tio na rua, ele perguntou: "Qual é sua profissão?" Disse que era soldador. Ele bateu na testa: "Você não pode ser soldador." Perguntei por que. "Porque você nasceu cego." Eu comecei a enxergar com três anos. Minha mãe fez uma promessa pra Santa Luzia e voltei a enxergar e hoje tenho 85 anos e não necessito de óculos para enxergar. Posso enxergar sem óculos. Não tenho óculos. Eu ia até comprar pra ver se fico mais simpático com óculos. Mas não tenho óculos.

[...]

Taxidermista. Sou autodidata. Eu não conheci outro taxidermista a não ser eu. Quando morava em Salvador, trabalhava em hospital e embalsamei vários cadáveres. Aqui também já embalsamei vários cadáveres. Você viu ali, não viu? Eu embalsamei vários cadáveres. [...] Então comprei aquele tatu. O primeiro que fiz foi aquele tatu. Comprei ele vivo. Aí fui e empalhei esse tatu. Aí eu fui fazendo, fui fazendo.

[...]

A fundação do museu, eu comecei em 1956, aos poucos. E ia fazendo eu sozinho. Não tinha ajuda de ninguém. Prefeito nunca me ajudou em nada.

[...]

Meu passado é muito curto.

[...]

Não passei [a profissão], porque não dá dinheiro, ninguém ganha dinheiro. Porque é artesão, mas o artesanato faz uma colher de pau, vende; faz um balaio, vende; faz uma panela, vende. E eu não posso vender, porque é proibido comercializar com animais silvestres. Aí o doméstico não dá pra vender, vai fazer o que? Não vende nada. E nunca tive ajuda nenhuma da Prefeitura. Em tudo quanto é cidade que tem museu, a Prefeitura ajuda, mas aqui não. Aqui nunca me ajudou.

[...]

Quando eu morrer vai ficar pra Prefeitura. Meus meninos não quiseram aprender. Só tenho um filho homem. Só tenho um filho homem e ele entrou para polícia. Trabalha em Pedra Azul, na regional. E ele me ajudava a empalhar, mas não tinha vocação. Minhas filhas também me ajudavam quando eram pequenas, mas não têm vocação.

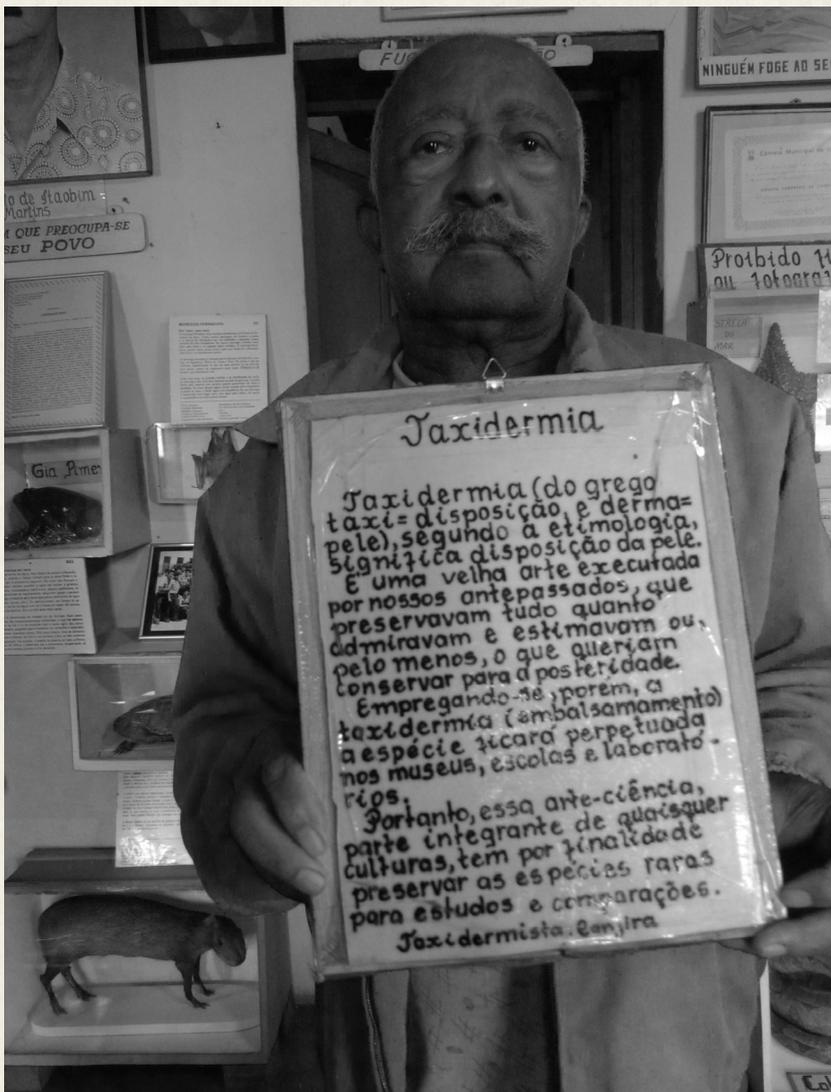
[...]

Eu sou autodidata. Ninguém me ensinou. Naquela época eu embalsamava cadáver. Cadáver, me ensinaram a embalsamar cadáver, lá em Salvador. E então, quando cheguei aqui via vendendo animal na feira. Lá na Bahia não tem animal pra vender assim. Só tem peixe. Então eu via vendendo cobra, tatu, jacaré. Na feira vendia de tudo. Naquela época, quando cheguei, não era proibido, não existia florestal nessa época. Então eu fui comprando e fui fazendo.



Canjira entrevistado por Talles Héber.

Foto: Manoel Pereira



Fotografia de  
Canjira.  
Foto: Manoel Pereira

Ah, recordação? Quando eu era novo. Quando eu era novo tinha muita saúde. Hoje sinto dor nas pernas, tem dia que tem apetite, no outro dia não tem, tem dia que eu durmo no outro dia não durmo. É assim, ter 85 né fácil não.

**Abdon Sampaio Oliveira (Seu Ariel)**



Refotografia de  
Seu Ariel.

Foto: Manoel Pereira

Meu sonho era comprar um instrumento daquele. Com 22 anos foi que pude comprar. Trabalhei, meu pai era pobre. Com 22 anos foi que consegui comprar aquele instrumento. Aí aprendi a tocar um pouquinho. Naquele tempo as festas na roça, até em cidade mesmo, se tocava qualquer instrumento. Era aquele que era o instrumento da época. Chamava-se de harmônica. E quem tocava não era harmoneiro, era tocador de harmônica. Depois apareceu essa sanfona grande, aí ficou sanfoneiro. Quem tocava naquela grande era sanfoneiro de oitenta baixos, quem tocava naquela minha era sanfoneiro de oito baixos. Depois as coisas foram civilizando, aí o povo botou o nome, para desmoralizar aquela, botaram o nome de pé-de-bode. Eu não gosto não. Mas resolvi chamar ela de sanfoninha de oito baixos. Então sou um sanfoneiro de sanfona de oito baixos. Mas o povo trata ela de pé-de-bode. Mas eu gosto dela.

[...]

Eu fui um menino sofrido. Meu pai era um pouco escalqueado. Aí eu criei com muita dificuldade. Fui um menino que não brinquei, não tinha o direito de brincar, meu pai não deixava brincar. Quando passou uns tempos nós tínhamos um terreno na roça. Eu vim pra roça. A minha juventude passei na roça. Mas continuei aquele rapaz sofrido. Não tinha dinheiro para comprar uma roupa boa, aí tinha vergonha de aproximar de uma moça, porque não tinha os trajes iguais aos dela. Foi continuando naquela vida. [...] A Mariazita, eu casei com ela. Viemos para cá. Botamos comércio no dos outros, de aluguel. Não deu certo. Larguei aquilo e fui matar cabritos. Depois que matei os cabritos, fui economizar no dinheirinho dos cabritos e hoje nós temos nossa fonte de negócios, nossa casa. Tudo nosso, graças a Deus. Tudo ganho assim. Cheguei aqui e paguei seis anos de aluguel, com seis anos comprei minha casa própria. Essa aqui. Desmanchei, reformei. E foi assim a minha vida. Mas fui um menino sofrido. Meu pai não gostava que os filhos brincassem. Comprei um carrinho de lata. Quando eu vejo meus netos aqui, jogando com uns carros bonitos... Escondido de meu pai, com um dinheirinho que os fazendeiro me davam, uma mica de quinhentos reis, [...] juntei e comprei um carrinho de lata que achei no meio da rua. Comecei a brincar com aquele carrinho escondido de meu pai. Comprei escondido do meu pai, com o dinheiro que o povo me deu. E botei no quintal lá no fundo da casa.

Debaixo de uns matozinhos. Não sei o que foi que meu pai viu, quando chegou em casa, entrou lá pro fundo do quintal, ficou olhando lá, viu o carrinho, pegou e jogou lá no quintal dos outros. Eu quase morro apaixonado. Foi essa a minha vida. Foi assim. Mas consegui criar família, graças a Deus. Hoje me orgulho em ser o pequeno comerciante.

[...]

Eu sou filho de Pirá, na Bahia. Moro aqui em Itaobim há cinquenta anos. [...] Eu não tinha vontade de sair da minha terra de jeito nenhum. Era apaixonado por minha terra. Quando o povo começou a sair do Norte para São Paulo eu falava lá que só vinha num derradeiro caminhão. E o povo vinha no caminhão pau-de-arara. Depois que casei, um cunhado meu veio pra cá, morar aqui. E meu cunhado me chamou, me convidou pra eu vim pra cá. Acho que foi até minha mulher que escreveu pra ele naquele tempo. Naquele tempo não tinha telefone. Ela escreveu pra ele pedindo pra me convidar pra vim. Porque eu não tinha vontade de sair não, minha mulher que tinha vontade.

[...]

O comércio, eu comecei vendendo carne de cabrito. Da carne de cabrito eu aluguei um ponto, aqui nessa esquina aqui e comecei a vender cachaça. Cachaça e um varejinho. Meia garrafa de querosene. Naquele tempo vendia muito querosene, porque não tinha luz. [...] Sofri muito vendendo dose de cachaça, que eu não nasci pra mexer com cachaça. Mas precisava. Vendia cachaça. Comecei a vender cachaça em quantidade. Um dia o caminhoneiro chegou assim, me chamou na Rio-Bahia, pegou a cachaça na mão dele. Ele ia com uma carreta, carregada de cachaça. Eu fiz uma proposta em mil litros. Aí ele falou: "Eu vou vender essa cachaça, porque a água daqui é mais clara e lá na Bahia a água é mais escura. Se eu for botar água lá na Bahia o patrão dá fé."

[...]

Aprendi a tocar, eu ia pra festa ainda menino e olhava um homem chamado Expedito, que era o sanfoneirinho dessa sanfona. Eu ficava a noite toda perto dele, olhando ele tocar. Quando comprei, arranjei uma sanfoninha, teve uma festa e os sanfoneiros não foram. Eu peguei uma música, peguei a sanfoninha e toquei uma música em dois ritmos e o povo dançou a noite toda. Uma musiquinha e dois ritmos. Fiz ela com

jeito de macho e a outra e aí mudou a música. E o povo dançou a noite toda. Dançava num ritmo e depois noutra ritmo.

A cidade, não só a cidade de Itaobim, como o nosso país todo, no presente está uma maravilha. Quem viveu o que eu vivi, hoje nós estamos no céu em vida. Pra aprofundar mais, não sei nem se eu posso falar isso. Meu avô foi um homem rico. Morreu à míngua. No dia em que meu avô morreu, tinha eu com doze anos mais minha avó, pra pegar o corpinho dele e botar no caixãozinho e fazer terra. Meu avô foi um homem rico. Foi um rico sábio e foi ficando velho. Já era de idade. Foi vendendo as vaquinhas e comendo, matando os cabritos e comendo, matando os porcos e comendo. Foi vendendo os pedaços de terra e comendo. Ficou dentro da sede velha. Que a sede da fazenda naquele tempo era feita de enchimento... Você sabe o que é uma parede de enchimento, não?! Você não sabe o que é não? Uma parede de enchimento? Parede de enchimento, fincavam os paus assim e amarravam as varas que tivessem com cipó e amassavam o barro e faziam os bolos de barro e botavam e faziam as paredes. Era essa a mansão do meu avô. O dia que ele morreu, morreu à míngua, porque agora, se fosse hoje, ele tinha 620 reais. A velha, a mulher dele, tinha 620 reais. Ele tinha uma consulta de graça. Ele tinha mais alguma coisa de graça. Era 620 reais. No fim do ano era 1240 reais. Que tem o 13º. Se fosse hoje ele tinha isso tudo. Naquele tempo não se tinha nada. Quer dizer, eu acho que hoje, no momento... Agora eu tenho um medo, um medo dessa bondade não chegar ao fim. Ninguém sabe daqui pra diante o que é que vai acontecer. Mas agora, no momento, eu, por exemplo, já fui operado duas vezes. Posso dizer que não paguei nada. Eu vejo um Datena na televisão falar que o povo do Brasil está morrendo de fome e eu não tenho o telefone pra ligar pra ele e falar: "Oh, Datena, só se for sua mãe que tá morrendo de fome", em vista do que eu alcancei. Nós estamos tudo de barriga cheia, graças a Deus. E o país tá é bom. Agora eu conversando com religioso, alguém fala assim que parece, tratando-se de política, que o Brasil melhorou depois de Fernando Henrique e depois do Lula. Aí o religioso falou: "Eu concordo com eles. Não é marcação de Deus. Esse mundo tem que melhorar muito. Agora cuidado quando ele começar a piorar." São essas coisas que me preocupam. Com as crianças de hoje, com a juventude de hoje. Eu não,

eu já estou velho. Mas olho para os meus netos e preocupado. O que será que vai acontecer com eles só Deus sabe. Tenho um amigo que é muito otimista, ele fala que nossos netos vão passar melhor que nós. Deus ajude, seu Tônico!

Agora eu tenho um medo. O povo vendendo, rigorosamente, as terras diminuindo, as águas diminuindo. Cheguei em Itaobim em [19]62. Não tem mais 10% da água que tinha. Não estou falando da minha terra, que é seca. Aqui você via água correr pra todo lado. E o fogo só tá aumentando. E presidente, ao invés de fazer um controle de natalidade pra mulher, pra ter menos filho, pra não produzir tanta gente. Nosso presidente está pagando as mulheres pra parirem. Eu preocupado com isso. Presta atenção se não é de preocupar. O povo vendendo, as águas diminuindo. Eu vi a lei, eu vendo gás. Uma escola ali pediu quatro botijão de gás, três ou quatro. Ainda dirigia nesse tempo. Peguei uma combizinha, botei na carroceria e então cheguei lá, vi uns tachos de comida deste tamanho na cozinha. Eu colocando os botijões e as mulheres que estavam cozinhando, uma era mulher de um amigo meu da roça. Olhei assim pra aquelas panelas com aqueles tachos de comida. Olhei assim pras meninas: "Quando eu acabar de colocar o botijão posso falar uma coisa pra vocês?" Aí eu botei os botijões lá no carro e voltei: "Isso é pra quê? É pra engordar porco?" "Isso é pros meninos comer." Eu disse: "Não tá demais, não?" Será que nossos governos estão fazendo uma boa coisa ou uma péssima coisa?! Porque aprendi a trabalhar. Porque tomava uma xícara de café com farinha. Você nunca tomou. Farinha, essas farinha de mandioca. Punha um punhado dela na boca e uma xícara de café. O presidente Lula já falou isso também, já passou por isso que eu passei. Viajava léguas a pé. Se você visse meu caderno como era. Os meus cadernos eram uns caderninhos bem sujinhos. Não tinha plástico nesse tempo não. Se tomasse uma chavinha, aí vinha com o tinteiro na mão e uma canetinha na outra. Não é do seu tempo não. Você não sabe. A gente ia pra escola, levava um tinteiro, um vidrinho com a tinta e a caneta. Precisava molhar ela aqui na tinta pra escrever. Você nunca viu isso? Eu já vi. Aprendeu? Aprendi a trabalhar porque viajava uma légua e estudava lá, até pisar na cabeça da sombra. Porque na escola não tinha relógio. Era meio-dia, aí voltava uma légua, com sol quente, pra casa, pra comer

um feijãozinho, sem gordura, e trabalhava à tarde, pra ajudar as irmãs a comprar a comida do outro dia. Por isso que aprendi a trabalhar. Se naquele tempo fosse um ônibus me apanhar lá e chegasse na escola me desse comida, ia encher barriga. E o ônibus tornar a me levar lá, eu não tinha que trabalhar não. Mas cada pessoa tem seu ponto de vista, né?!

## Maria Sucessora de Oliveira, 80 anos

Minha mãe que foi criada aqui. Ela nasceu e foi criada aqui. Morava na Pedra Grande, na época dos escravos. Meus bisavós tinham uns escravos. Aqui ainda tem descendente deles. Aquele "sarué" [...] mesmo é descendente dos escravos. Meu bisavô criou. Mas eu mesma, quando mudei para cá já não existia mais esse negócio dos escravos. Na época que mudei para cá foi... Nem sei quando que mudei. Tem quarenta anos que moro aqui. Eu também não sei muito da história de Itaobim não.

[...]

Moro aqui nesse casarão antigo, desde [19]79. Na enchente de [19]79, no Jequitinhonha, que mudei para cá. Demos muito abrigo para as pessoas da enchente. Porque não tiveram lugar para ficar e nós tínhamos a casa lá em cima. Mudamos para a casa na enchente, mas demos abrigo a eles lá. Foi em [19]79 que teve a enchente aqui. A água veio aqui no fundo do rio. E agora graças a Deus a enchente não vem mais, porque tem a barragem. Mas não sei muito do fundo de Itaobim não. Via as festas religiosas demais. Agora ficou tudo sem graça.

[...]

Se for contar pra vocês a minha história vocês não vão acreditar. Minha história de infância foi muito boa. Então não vou nem te contar. Tive uma infância muito maravilhosa. Cresci em fazenda. Saía no tempo de moça também. Tive uma vida boa. Agora que tenho a vida ruim.

[...]



Fotografia de Seu Ariel.

Foto: Manoel Pereira

Fazenda, naquele tempo, era só gado. Tinha os agregados. Mas hoje não sinto falta. Sinto saudade. Saudade a gente sente da infância da gente. A gente tem muita saudade. Da minha terra natal também, que é Rubim. Eu sou de Rubim. Minha juventude lá foi muito boa, então eu tenho saudade de lá. E gosto daqui também. Mudar daqui eu não quero mudar não.



Dona Maria entrevistada por Isabela Soares.

Foto: Manoel Pereira

Quando eu vim para cá sofri muito. Porque não tinha água encanada. Apanhava água era nos jegues. Senti muita falta quando mudei de lá. [...] Chorei muito até quando mudei pra cá, porque lá a gente tinha mais conforto do que aqui. Chegou e não tinha água. Tinha dia que faltava água até pra dar banho nos meninos, porque eles iam apanhar pra vender. Nós temos uma caixa grande aí que fizemos pra encher d'água, porque era difícil. Mas o resto, não sinto falta de nada não,

graças a Deus. Quando mudei pra cá era bem difícil, agora não, consertou bastante. O jeito é se dar.

Ensinava corte. Aqui ensinei corte muito tempo também. Dava aula de costura. Só isso. [...] Mudou muito. Agora não, agora voltou quase a mesma moda que era. Usava muito vestido. E depois ficou mais calça. Hoje já usa muito vestido. Naquele tempo era mais vestido. Eu costurava muita camisa de homem. Fazia muita camisa de homem. Camisa de brio usava muito, fazia muito. Ensinava corte aqui também. Depois foi que parei. Meu marido não quis deixar eu ensinar corte mais não, que eu já tinha os filhos. Não podia, mas pra mim tá tudo bom.

**Adelson Soares Chaves, 69 anos**



Refotografia de  
Adelson Soares.

Foto: Manoel Pereira e  
Talles Héber

Eu cheguei aqui muito novo. Na faixa de uns oito anos. Itaobim era uma cidade muito pobre. Naquela época a gente não tinha nada, não tinha água encanada, não tinha luz, não tinha nada. A água era transportada em lombo de animal. Ou então aquelas mulheres que gostavam de trabalhar [...], você pagava mensalmente a ela para pegar água. Elas colocavam água na cabeça pra vender nas casas. Então cada pessoa tinha uma senhora daquela para fazer isso. Ou quando não era ela, tinha que ser uma outra pessoa, no caso, que carregava água nos animais, que era nos jumentos. Aí você tinha que comprar, fazer um contrato com eles pra todo final de mês você pagar. A gente, como eu terminei de falar, não tinha nada praticamente, praticamente nada. Não tinha uma delegacia, não tinha um policial. [...] Porque Itaobim pertencia a Medina. Itaobim era município de Medina. E tem tantas outras coisas mais, muita coisa que deixava a desejar. Então, a gente, na faixa de oito, nove, para dez anos, eu acompanhei muita coisa boa e muita coisa ruim. Naquela época também tinha aquele pessoal tirado a valente, que matava os outros. Coronelismo, isso não faltava! Vai lá e tem que executar a pessoa mesmo e pronto, já acabou. Então desse jeito que era Itaobim. Hoje, graças a Deus, melhorou muito.

[...]

Tem uma coisa que eu esqueci de falar com vocês. Naquela época, quando não tinha água, as donas de casa, aquele pessoal todo, ia lavar a roupa, as vasilhas, esses troço tudo na beira do rio. Então era até bonito aquela cantarola. Aquelas mulheres cantando alegres, batendo as roupinhas delas lá. Era muito bonito.

[...]

Então a maioria dos alimentos, cereais, essas coisas, vinham através da canoa. E, às vezes, quando descia aqui no rio era o troço mais bonito do mundo. A gente pegava e olhava assim vinte, trinta canoas, uma atrás da outra, tudo carregada de mercadoria. Isso ali é de fulano, aquilo ali de beltrano, ali é de ciclano. Era bonito, [...] mas aí aquele ditado, foi o próprio homem acabando com a natureza. Hoje, aí no Rio Jequitinhonha, pra correr um barco desse à motor é um problema, secou demais.

[...]

Da minha infância?! Deixa eu te falar uma coisa, até hoje falo com minha mulher, falo com meus filhos. Fui uma pessoa que praticamente não teve infância. Eu não tive infância. Eu lembro de muitas brincadeiras, da gente jogar bola na rua. [...] A gente tinha as amizades da gente. [...] A minha infância, depois de dez anos, foi trabalho, foi trabalhar. Nós éramos quatro homens, eu era o mais novo. Ficou eu e o outro aqui, que é mais velho do que eu um pouquinho. Nós ficamos tomando conta da casa. Nós que éramos os cozinheiros, que lavávamos as vasilhas. Então eu praticamente não tive infância. Pra dizer a verdade, eu tenho inveja quando vejo um carinho de mãe com um filho. Isso eu não tive. Minha mãe quando morreu, eu estava com três anos. [...] (Comenta a fotografia na qual aparece com os irmãos) Esse aqui é o mais velho. Esse aqui já é falecido, morreu novo, esse menino morreu com 27 anos de idade. Esse aqui chama Evandro, Vanildo, Geraldo e eu, Adelson. Essa aqui já não era minha mãe, essa aqui já era uma mãe de criação. Então fazia essas cocotazinhas, que eles falam. Enrolava o cabelo todo naquele troço assim e estava bom. [...] Quando ganhei essa foto, pra mim foi uma relíquia. Eu não tinha uma foto, assim, antiga.

[...]

A minha vida foi uma vida assim também na época da Ditadura. Participei daquilo, vi muita injustiça. Inclusive, tenho um irmão, que é esse aqui mais velho e mais uns outros amigos aqui, que saíram daqui praticamente algemados por uma coisa que eles não tinham conhecimento. Pagando por uma coisa que eles não deviam. E quase que entro nessa brincadeira também, só não entrei porque não estava lá. Parece que veio mesmo para levar a família toda. Então, daqui foram várias pessoas para Governador Valadares, o pessoal ficou preso injustamente, porque não tinham conhecimento das coisas. E os que tinham conhecimento, não praticaram nada daquilo que eles acharam que o pessoal tinha. [...] Da Ditadura?! Lembro que em Itaobim eu achei aquela injustiça, que você não tinha voz ativa, você não tinha nada. Naquela época mesmo, já em [19]72, eu fui vereador. Em [19]72 você não tinha direito à palavra. Você não podia falar o que tinha vontade. Você tinha que ficar calado sempre e fazer aquilo que eles queriam. É muito injustiça. Bater nos outros aí na rua. É uma tristeza um trem desse!

Itaobim antes era São Roque. Não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ir lá. Meus pais e meus avós paternos moravam lá. Em 1939 foi quando veio as enchentes. Foi quando acabou lá. Chamava Comércio Velho. Aí botaram São Roque por causa da Igrejinha de São Roque, mas antigamente era Comércio Velho. Então, o pessoal naquela época resolveu vir pra cá porque era mais alto. Essa região aqui era mais alta.



Refotografia da Igreja de São Roque.

Foto: Maynara Faúla e Talles Brito

Foi por aí que começou Itaobim. Uns construía aí, outros construía cá mais pra cima e foi chegando Itaobim. Até [19]60, [19]61, [19]62 Itaobim tinha pouquíssimas casas ali pra cima. Nós tínhamos uma igrejinha velha aqui. Tinha uma cadeinha aí, que na época era um comodozinho pequeniníssimo, bem estreitinho. E tinha [...] o tronco. É, prendia a pessoa, prendia o réu lá naquele troço lá, tinha o pau e o pau vinha e prendia as pernas dele. [...] Levava lá pro tronco, botava sempre lá no tronco.



Fotografia de Adelson Soares.

Foto: Manoel Pereira

Olha, essa máquina, se eu te falar uma coisa você não acredita. Teve uma empresa que me deu três máquinas novas. Eles me deram três máquinas novas nessa máquina. Aí eu falei com eles que eu não vendia, só depois que chegasse e eu morresse e os filhos quisessem vender. Porque isso aí foi o que me ajudou, ajudou a família toda a ganhar o pão. O meu pai mexia com curtume. Ele era celeiro e era sapa-teiro. Tudo isso a gente fazia, tudo. Mas depois que a minha mãe faleceu

e a gente foi também crescendo, desenvolvendo mais, aí todo mundo largou a profissão também. Todo mundo era sapateiro, era celeiro, sabia curtir o couro. A gente fazia o que você quisesse com o couro. Essa máquina praticamente tem 130 anos. Meu pai, quando comprou ela, tinha dezesseis anos de idade.

[...]

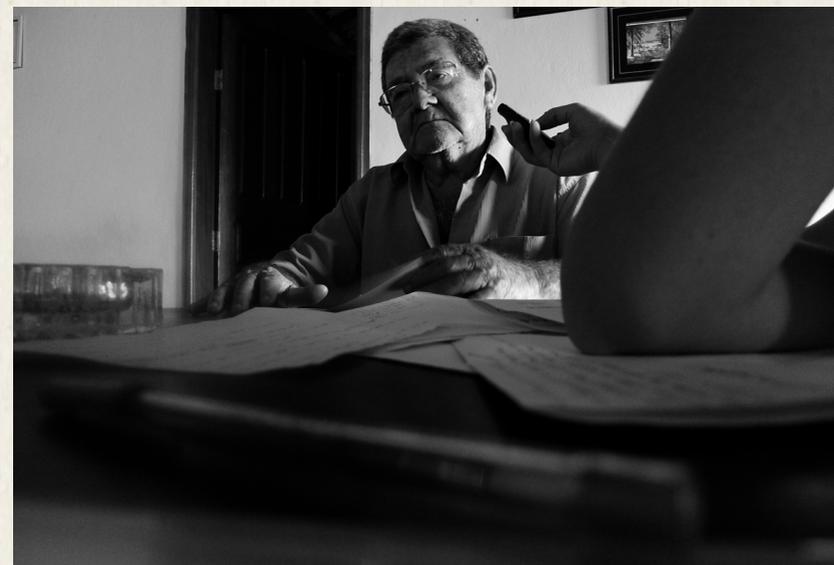
Ele tinha oitenta [anos] e antes de morrer dividiu já em vida. Ele falou: "Olha, eu vou te dar essa máquina porque eu sei que você é mais cuidadoso e os outros não são. E eu vou te dar essa máquina pra sempre que você olhar ela você lembra de mim." Isso aqui tinha uma mesa e essa mesa era pra você costurar aquelas capa de cela. Isso aqui, nesse sentido que está, antigamente, aqueles fazendeiros, aqueles homens usavam um tal de butim. Butim é o tipo dessas botas que as mulheres usam. Só que vinha cá no Joelho. Então isso aqui é apropriado para costurar esse tipo de material, que com a mesa não tem como. E aqui você mete as peças do butim aqui e costura. Ela é reduzida, tem uma posição que costura leve e que costura pesado. Ela costura uma sola, talvez, com 2 cm de grossura. [...] Funciona, funciona. [...] Eu conheço várias, só que no sentido de conservação, só conheço essa minha. Tá intacta, pintura original. Tudo original, não tem nada aí que foi mexido.

Tem tantas outras coisas que a gente tinha e que hoje não tem mais. Porque, a respeito justamente dessa alegria, a gente tinha aquela multidão de mulheres apanhando água e hoje não tem mais. Nós hoje temos a Copasa pra isso, que melhorou muito. Eu mesmo fico três anos sem ir ali ver o rio. E todos os dias tinha gente tomando banho, nadando, agora não. Mas depois vieram as dragas e foram acabando com a água do Jequitinhonha. Então, depois dessa represa que fizeram lá em Igarapé a água melhorou mais. Nossa água era um barro por causa das dragas. Tem muita coisa que a gente tinha e que hoje a gente não tem mais. Mas são muitas coisas que tinha que hoje a gente não gostaria que voltasse a acontecer. Por exemplo, era muito assassinato. Naquela época mesmo não tinha um fogão a gás. Não tinha uma geladeira. Era tudo geladeira a gás ou querosene. O fogão a gás também não tinha. Então os primeiros fogareiros eram a querosene, pra fazer qualquer coisa tinha que acender

o fogo ou então usar os fogareiros. Isso a gente tem que pedir muito a Deus para não voltar, porque fica difícil.

[...]

Naquela época a gente ainda tinha bastante chuva. Tinha aqueles meses certos pra chuva: setembro, outubro, novembro. Quer dizer, todo mundo que plantava, colhia. Mas não tinha nenhum sindicato, não tinha nada. Depois disso, [19]70 e qualquer coisa, eu não lembro mais. Inclusive na época eu ajudei a criar o Sindicato Rural do Trabalhador e o Sindicato do Fazendeiro. Tudo isso eu ajudei a criar aqui em Itaobim. Tem muita coisa boa que eu ajudei a fazer. Saí da política, mas tem muita coisa boa que eu ajudei a fazer. Não com perseguição, sempre com o coração.



Adelson Soares  
entrevistado por  
Maynara Faúla.

Foto: Manoel Pereira

Nós tínhamos um mercadinho. Era um mercadinho bem pequenininho. Aqui não tem o mercado. Aí tem lugar ali, eram três lojas e um bairro. Ali onde tem aquela cobertura era uma igreja, que até hoje eu

tenho um sentimento de que ela deveria estar aí. A primeira igreja que foi construída logo quando Itaobim tornou Itaobim. Aí desmancharam. Então tinha o mercadinho e não cabia praticamente ninguém. A feira praticamente era no meio da rua. Quando estava chovendo você tinha que correr, cobrir aquilo com as lonas. A gente fazia aquilo, mas tinha uma fartura boa. A região sobrevivia dela mesma. Hoje, da maneira que está aí, se for para as pessoas sobreviverem do que produz na região, vai morrer todo mundo de fome, porque não produzem mais nada. Nós estamos o que, praticamente com noventa dias sem chuva. Todos os agricultores que plantaram, morreu tudo. Não deu nada. Então naquela época era muito bom, porque tinha muita fartura. Melancia pra perder, abóbora, tinha muita coisa. Era praticamente só da região. O que mais produzia pra gente aqui era feijão catador. Que acho que muita gente não conhece ele. Mas o feijão que tinha pra gente era o feijão catador. Em [19]75 nós chegamos numa época aqui que você não achava um caroço de feijão. Você podia dar um prato de ouro a troco de um prato de feijão, que você não encontrava. Aí eu tinha esse irmão aqui, nós fomos pra Bahia e lá nós compramos. Nós trazíamos dois, três caminhões de feijão catador e feijão de corda. Pra cozinhar aquilo você tinha que por dentro d'água, porque já estava tudo praticamente podre.

[...]

Ela (a BR-116) foi inaugurada em 1954. Foi quando morreu o Getúlio Vargas. Você lembra da data que ele se suicidou? Ela foi inaugurada naquela época. Então eu era um moleque já, na faixa de uns nove, dez, onze anos. A gente ia pra lá pra amolar o pessoal. Os caminhões que vinham do norte atravessavam na balsa, não tinha a ponte não. Então a gente já grandinho, e o pessoal era nosso amigo, quase tudo da mesma família, a gente entrava na balsa junto com eles.

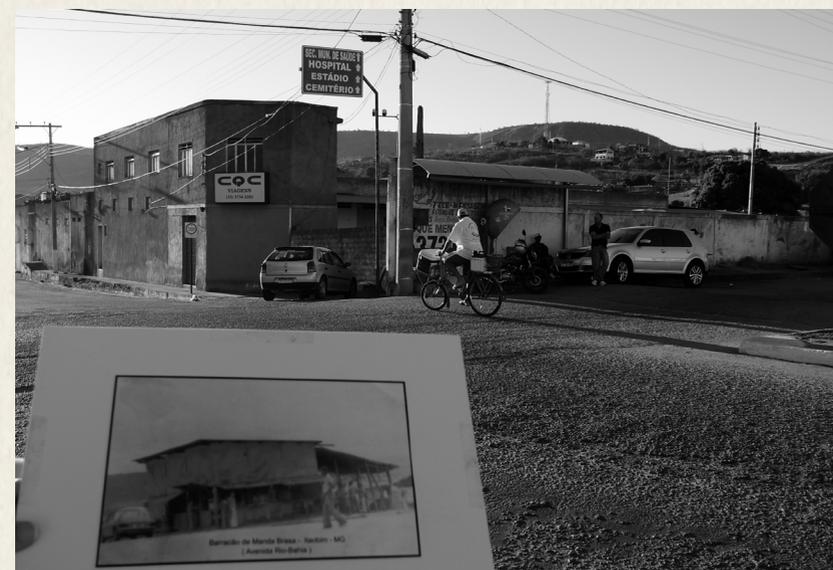
[...]

Conheci ela praticamente, já quase pronta. Mas começar lá de baixo, não. Meu pai lembrava, outras pessoas mais idosas também lembravam. Agora eu não. Lembrava muito que eu já maiorzinho ia pra lá atentar o pessoal. Atravessava subindo nas balsas pra ir mais vezes lá. Agora a hora que chegava lá embaixo você via o lambari correr lá no

fundo d'água. Era dessa maneira. [...] Que a gente tem muita recordação, de muita coisa boa, recordação de muita coisa ruim. É assim mesmo.

[...]

Olha, deixa eu te falar, hoje estou todo alegre. Sempre tinha uma esperança que Itaobim ia melhorar. Depois que mudasse, acabasse com aquele coronelismo, Itaobim tinha que mudar. Nós temos uma cidade muito hospitaleira. Todo mundo fala que Itaobim tem isso, que tem ladrão, que tem tudo. Mas qual a cidade hoje que não tem esse tipo de gente. Itaobim, hoje eu vejo com os olhos, assim, bem diferentes. Os olhos cheios. A única coisa que ainda eu não estou querendo morrer sem ver é uma faculdade em Itaobim. Nós tivemos uma luta e uma briga danada e infelizmente não conseguimos.



Refotografia da  
Rio-Bahia.

Foto: Maynara Faúla e  
Talles Brito

**Nadir Vieira de Macedo, 73 anos**



Refotografia de  
Nadir Vieira.

Foto: Manoel Pereira

Sou de Padre Paraíso. Meu marido é nortista e sempre aventureiro. Gostava muito de mudar e aí então nós mudamos pra cá, pra ele trabalhar com o irmão dele, que era o Zé Paraíba. Ele é da Paraíba também. E então ele queria unir com o irmão para poder trabalharem juntos. Nós mudamos pra cá em 1969. Agosto de [19]69.

[...]

Professora, aposentada. A educação naquela época era uma educação, assim, a gente trabalhava muito mais era com o giz e a mão. Porque a gente tinha que pegar na mão da criança, para ela poder aprender. Hoje não, as coisas estão mais fáceis, porque a criança já entra na escola alfabetizada. Trabalhei com alfabetização quinze anos. Então, às vezes, muitas vezes, era preciso pegar o papel sem pauta e fazer as margens para a criança poder aprender a escrever. [...] Muita dificuldade, era muito difícil. Então, naquele tempo a gente não tinha a riqueza que as professoras têm hoje. A gente tinha que fazer quermesse, pra poder angariar dinheiro, fazer coisas pra vender pra poder ajudar a escola. Às vezes a gente dava aula até num galpão, debaixo de uma palhoça.

[...]

Poderia ainda estar na ativa, mas gostava de trabalhar com amor. [...] Não era reconhecida, mas gostava. O trabalho que gostava era alfabetizar.

[...]

Para falar da minha infância, me lembro daquela música de Padre Zezinho: "Utopia". Ai meu Deus, esqueci. Engraçado, sei a música todinha. Fala assim... Que a gente vivia. Nós morávamos em fazenda e aí então pai chegava cansado. Ali a gente ficava ao redor do pai pra ele contar história. E então ele mandava pegar a viola. Isso me lembra muito a minha infância. Ele começava a tocar e cantar pra gente e a gente vivia feliz. A gente era muito feliz naquele tempo. No entanto, hoje, parece que o aconchego do lar não é mais como era antigamente. No fim fala: "Chamam isso de utopia e eu ainda chamo paz." Fala do divórcio. Eu tenho até a música aí, mas não me lembrei dela toda não.

[...]

Itaobim antigamente... Não sou das mais velhas aqui de Itaobim. Quando mudei pra cá, meus meninos eram pequenos, inclusive Gorete, que é diretora hoje da Escola Chaves Ribeiro, estava com sete anos. E eu

trabalhava no Chaves Ribeiro, mas não era naquele Chaves Ribeiro ali. Era o Chaves Ribeiro que eles deveriam ter deixado, não desmanchado. Deixado lá pra poder fazer um museu. Mudei pra cá, como disse pra vocês, em [19]69. Era uma cidade que a gente buscava, lavava vasilha no rio e a gente comprava água através das pessoas que carregavam. Nos jegues. Era muito difícil a vida em Itaobim.

[...]

Vejo Itaobim como uma cidade que a gente pode viver tranquilo. Não uma tranquilidade total, porque você sabe que em toda cidade nós temos trabalhado, porque eu sou da pastoral da família e a gente tem trabalhado muito contra a violência, a favor da paz. Mas a gente diz que uma andorinha só não faz verão. Uma comunidade só não vai resolver o problema. Isso está em todas as cidades, em todas as comunidades. A gente está trabalhando devagar, quem sabe Deus abençoa que acaba com essa violência que está acontecendo aí na nossa cidade.

[...]

Esses eventos eram feitos por nossa conta. Nós não tínhamos ajuda de nada. Até as festinhas que você viu, os retratos que você viu, os menininhos na Páscoa, vestiam de coelhinho. Então, no carnaval, também fantasiado. As roupinhas eram confeccionadas com papel crepom e a cartolina. As meninas a gente colocava o rostinho de coelhinho, com florzinha. E os meninos nós colocávamos o chapuzinho. Mas era por conta da gente. Não tinha ajuda de prefeito, não tinha ajuda de governo, não tinha a ajuda de nada.

[...]

Na beira do rio? Eu achava muito perigoso. Porque juntava muita gente e às vezes o banhista extrapolava e às vezes acontecia até morte. Afogamento!

[...]

O cinema de Odak. Engraçado, eu participava até de um grupo de teatro lá em Padre Paraíso antes de mudar pra cá. Esse grupo de teatro a gente levava nas cidades vizinhas. Então, eu vim aqui pra poder apresentar uma das fadas, na beira do bosque. Parece que nós apresentamos o teatro da Bela Adormecida no bosque e mais outro teatro. Foram dois enredos. Eu era uma das fadas. Por sinal eu tenho até o

retrato aí. Era uma diversão, era muito bom. Fez falta. Eu até falei, esses dias, encontrando com uma pessoa que... Só resta duas pessoas desse grupo teatral lá de Padre Paraíso, eu e a mãe de Indiara, Ilsa Tanure. Então, eu falando com ela, que pena ter acabado com o cinema, que era uma diversão para os meninos. A gente dava matinê a tardinha, 4 horas, arrumava os meninos já para ir para matinê. Ficava até 6 horas. Eles gostavam do Charles Chaplin, aquelas historinhas mais antigas. A gente ficava despreocupada. Ia para a porta do cinema pegá-los para poder vir para casa de novo. [...] Atraía, com certeza. Atraía muita gente. Até para os adolescentes mesmos era bom, porque não tinha nada, divertimento nenhum aqui. Então o cinema era um dos divertimentos que tinha na cidade. A cidade pequena, a luz muito ruim. Porque a luz era aquele tomatinho. Mas a gente pelo menos ainda tinha o cinema. [...] Não sei, nunca entrei em detalhe com Odak sobre esse problema, porque ele que acabou com o cinema. Ficava ali na rua Belo Horizonte. Hoje tem até uma loja.



Fotografia de Nadir

Vieira.

Foto: Manoel Pereira

Conheci meu esposo assim: Meu irmão foi um dos primeiros a ter um posto de gasolina em Padre Paraíso. Aí então eles chegaram lá da Paraíba, passando por Montes Claros e chegou até Padre Paraíso. Ele com esse irmão que já morreu aqui, o Zé Paraíba. O Paulo disse que me via passar para ir para à escola e foi meu irmão que deu trabalho para eles. Ele já estava acho que com dezoito anos, não sei, naquela época eu era muito novinha. Passava vestidinha de saia azul e blusa branca. Usava de primeiro a sainha azul, blusa branca, sapato preto, meia branca e boina azul também, da cor da saia. Ele via eu passar lá e falava assim: "Essa menina, essa morena ainda vai ser minha namorada." Eu não sabia de nada. Porque a gente era muito presa. Os pais não deixavam a gente sair não. Por sinal, eu tinha uma menina que morava com a minha mãe e essa menina, ela só saiu de perto de mim o dia que casei. A gente ia no cinema lá também. Tinha um cinema lá em Padre Paraíso também. Então, a gente ia sempre no cinema. E o pessoal falava que a música de entrada parecia com nós, porque era o único lugar que meu pai e minha mãe deixava a gente ir. E essa menina, ela chama Teonice, mora em São Paulo, ela me acompanhava. Eu de um lado e ela do outro e nós íamos pro cinema, pra não ir sozinha, pra ela olhar o que estava acontecendo comigo. A gente foi assim, namorando, namorando e ele acabou pedindo a mão ao meu pai, aí acabamos casando. Nós temos hoje vivência de 56 anos de casamento, graças a Deus. Dezoito anos ele e eu quatorze anos. É muito! Eu não sabia o que era o casamento, porque os pais impunham. Antigamente os pais falavam: "Ah, você tem que casar com esse, porque ele é trabalhador, ele é honesto." Eles conviviam com ele lá e a gente casou. Não foi amor a primeira vista, mas eu gostei. Eu gostei tanto, que estou até hoje com ele. Continuo gostando. Mesmo com as nossas divergências, porque o nortista é meio assim. Engraçado, ele era motorista, gostava de trabalhar na oficina, ensinou várias pessoas. Quando me casei com ele, ele tinha oito empregados, na oficina dele. Trabalhava ensinando pra essa turma. E eu já fui pegando essa barra. Mas depois ele foi devagar, arranjando uma pessoa pra ficar comigo e eu, logo ganhei a filha. Que é a minha mais velha, Maria da Luz. Então, com quinze anos eu ganhei ela. Ele foi colocando as pessoas para me ajudarem e eu fui também, já sabia também fazer de tudo. Sabia bordar, Sabia costurar,

sabia fazer coisas para a casa, não coisas grã-finas, que a gente na roça aprende o trabalho, assim, doméstico, o doce, o biscoito frito, a comida normal. Então eu já sabia tudo. Fazer bolo. O bolo de casamento quem fez foi eu.

A primeira coisa que vou falar é o cinema. Porque trabalhava muito com teatro lá na minha terra. Quando chegou aqui, me deparei com o cinema que fiz parte naquela atividade, que as pessoas foram ao teatro. Eu sinto falta do cinema por isso. Porque deveria ter continuado. Porque aqui tem muita gente talentosa. Muitos artistas mesmo. Não deveria ter acabado por isso. Porque tem aqui até um grupo, que agora nesse momento eu nem me lembro mais, o menino até me chamou para poder fazer parte de uma comédia e eu estava com duas turmas, eu nem fui. Não participei. Mas falei com ele como era que iniciava e esse grupo tá aí até hoje. Eduardo é que toma conta desse grupo.

[...]

Vinha tourada de fora. Me lembro que aquela praça lá do evento, eles armavam as touradas lá. Aí então acontecia que vinha de fora. Circo armava lá. Todo o divertimento que poderia vir para a cidade ficava lá na Praça de Eventos. [...] Atraía sim. Me lembro que meus meninos um dia foram na tourada e a vaca saiu correndo e as mães ficaram desesperadas porque os filhos estavam na tourada. Nós fomos buscar, ficou cada uma procurando o seu filho. Era muito divertido, porque as crianças se divertiam.



Fotografia de Nadir  
Vieira.

Foto: Manoel Pereira

**Amintas Fernandes dos Santos (Dona Preta), 75  
anos**



Fotografia de Dona  
Preta.

Foto: Manoel Pereira

Todo mundo só me conhece por Dona Preta, ninguém me conhece pelo nome [...] Eu sou de 1937, oito de junho de 1937.

[...]

Vixe, minha infância foi horrível! Não tive infância, não. Morava com minha mãe, não tinha pai, sabe? Meu pai tinha falecido e minha mãe nunca deu apoio. Hoje os pais sempre dão apoio para os filhos. Era só trabalhando, trabalhando para os outros. Quando peguei um tamanhinho era lavando roupa para os outros. Foi horrível minha infância. [...] Minha profissão? Oh, filha, não tinha profissão. Sempre eu lavava roupa para os outros, lavava vasilha. Não tinha água, a cidade não tinha água. Um pedia para pegar uma lata d' água no rio e eu ia e pegava uma lata d'água. Era assim, e ia vivendo. Um pedia para lavar roupa e eu ia e lavava. Lavava uma vasilha. Depois eu passei a trabalhar na escola. Quando eu passei a trabalhar na escola eu já era casada.

[...]

Meu passado com a minha família foi bom porque eu entendia. Eu entendia algumas ignorâncias que tinha, sabe?! Eu relevava. Então, eu vivia feliz com eles assim. E mais feliz eu vivi com os meus sogros. Eu era feliz demais, mais do que com a minha mãe. [Eles foram] muito bons para mim. [...] Itaobim não tinha um bar, um restaurante, não tinha um supermercado. Eram aquelas vendinhas. E aqui as coisas eram fornecidas por navegação. Vinham por canoas, os comestíveis. Os donos das vendas iam lá no rio e pegavam os sacos de trem pra botar nas vendas pra vender. [...] Vinha umas dez canoas carregadas de açúcar, feijão, farinha... açúcar era muito difícil, era rapadura. [...] Toucinho porque óleo não existia nesse tempo ainda não. Então, quando chegavam as canoas no rio, o pessoal ia lá pegar, os vendeiros. Não tinha esse negócio de falar que tinha aquelas coisas grandes, supermercados. Eram aquelas vendinhas. E era muito pobre, muito pobre mesmo. O comércio que tinha era muito pobre. [...] Teve muita melhora e foi grande. Aqui o pessoal era tão pobre (e os que tinham não ia dar, não é?), que o governo começou a dar uma cesta básica para o pessoal, de mês em mês, no mercadinho que tinha ali em baixo. Aí, a gente ia pegar a feira. Eu tinha um irmão muito orgulhoso, que não queria ir e que dizia: "Não vai não, Amintas." Mas eu ia, porque mãe não podia dar. Pegava toucinho, carne, arroz, feijão, de

tudo um pouco e trazia pra casa. Não tinha uma boate, não tinha nada. Tinha uma danceteria só.

[...]

Hoje aqui é uma maravilha, uma cidade maravilhosa. Têm muitas coisas boas pra nós: tem um posto de saúde, têm médicos, tem um hospital, coisa que a gente nunca tinha ouvido falar na vida. [...] Eu era muito brincalhona. Então, eu gostava muito de uma balsa que tinha no rio e um bote. Tinha um botinho para atravessar as pessoas e a balsa grande para atravessar os caminhões no porto. Na beira do porto tinha de tudo o que você desejava. Tinha um barzinho que tinha de tudo o que você queria. Eu sei que esses caminhões, esses que viajam aí nessas pistas, passavam todos aqui nessa rua. Atravessavam na balsa e o pessoal atravessava no bote. Eu tenho saudade. Eu era danada. E lá, do outro lado, tinha um comércinho também, um departamento. Então eu fugia, falava com mãe: "Oh, mãe, eu estou indo ali." Pulava dentro do bote e atravessava, podia o rio estar cheio do jeito que fosse. [...] [E] eu nadava, atravessava o rio nadando. Eu era danadinha. Mãe batia em mim, mas eu não estava nem aí pra ela. [...] Sempre falo para as minhas amigas que eu não tive nem infância, nem juventude. Tenho dó dos meus meninos por causa disso, porque eu não tive. Eu não tive porque minha mãe era bem fraquinha e pobre, andava costurando naquelas máquinas pra poder dar pra gente o pão. Então, ela não podia dar nada pra gente. A gente tinha que se virar trabalhando, carregando água para os outros, lavando roupa, lavando vasilha. Então não é infância, não é?! De jeito nenhum! [...] Tinha um barzinho e um lugar onde o pessoal dançava. E não tinha luz também não, era escuro. Mas, ali em baixo tinha um motor. [...] O passeio era rondando a igreja. Tinha uma oficina que tinha algumas bicicletas de aluguel. O povo divertia ali, alugava as bicicletas. Eu mesma não saía de cima de uma bicicleta. A bicicleta mais bonita que tinha chamava... Oh, gente, eu esqueci o nome da bicicleta... A gente alugava uma hora, meia hora, quinze minutos pra poder andar de bicicleta ao redor da igreja. Eu falava que estava na missa, mas não estava na missa não, estava rodando de bicicleta. "Aza branca" que chamava a bicicleta. [...] Toda vida eu fui amigueira. Hoje mesmo eu estava contando a uma menina que eu não queria ir num aniversário, porque eu

não conhecia a dona da casa. Quando eu cheguei lá foi tanta amiga que eu encontrei, todas queriam me abraçar, tirar uma foto junto comigo. Eu tenho muita saudade do passado, de quando estavam construindo a ponte. [...] Eu tinha uns quinze anos na época da construção da ponte.

Eu era namoradeira, escondida, mas era. As festas que tinham eram só as da escola. Eu não falhava nas festas. Todo sábado e domingo eu estava indo rezar na igreja. Todo dia eu falava assim: "Olha, mãe, tem missa hoje e amanhã." E ia pra festa. [...] Eu conheci o meu marido trabalhando, porque aqui não tinha luz. Então, ele foi trabalhar no motorzinho. Tinha um motor que botava luz na rua. A rua era escura, sabe? Então, botaram esse motorzinho ali, nessa rua aqui de Seu Soares. Ele ascendia a luz sete horas da noite e dez e meia dava sinal que ia apagar. Aí ficava todo mundo no escuro novamente. [...] Eu só sei que quando teve uma enchente (mas era mãe que contava pra nós, não é?! ) porque meu avô e meus tios foram os fundadores de Itaobim, os irmãos Fernandes. Sempre eles só falam de dois, mas meu avô fazia parte. São três. Eles foram fundadores de Itaobim. [...] Então, quando teve aquela inundação, ali no comércio velho, que o pessoal ficou passando fome, não tinha onde ficar, os meus tios doaram aquele bairro ali, o Cieba, pra eles fazerem as casinhas. Aí começou dali as casinhas. Eram Clemente Fernandes, Juca Fernandes e Joãozinho Fernandes. Meu avô era o João, era o pai de minha mãe.

[...]

Aqui nunca teve linha de trem. Aqui tem muita gente que não conhece, meus filhos mesmos não conhecem. Eu falo que tenho dó deles, não conhecem nada dessa vida. Moram aqui toda a vida, nunca viram um campo de avião, não conhecem um trem, não conhecem nada. Eu quero levar eles pra Belo Horizonte pra eles conhecerem mais ou menos. [...] [Eu] ia pra praia na beira do rio. Era uma festança! Era uma praia bonita, mas depois das enchentes começou a sujar e ficou uma praia suja. Descia aqui e era só barraca. Vinha gente de todo lugar. No carnaval, no domingo... passavam o domingo na praia. Tinha muita gente, muita coisa pra comer, pra beber, pra vender. Vinha gente de fora pra essa praia, mas também já morreu um bocado. Achavam que o rio estava vazio e ia brincando e o rio levava embora. Eu ia pra levar os meninos. [...] O circo não era lá essas coisas. Mas eu ia todos os dias.



Dona Preta entrevistada por Érica Júnia.

Foto: Manoel Pereira

Eu gosto muito do globo da morte. Durante os dias eu ia. [...] Antes vinha circo, vinha tourada. As touradas eram naquela pracinha. [...] Lá tinha um mercadinho, tinha um correio lá perto e a escola do lado de cima.

[...]

Eu era muito atentada. As zonas eram ali perto. Eles não falavam zonas, mas tinha sim. Você sabe o que é zona?! É onde ficavam as mulheres de vida. [...] Mas eu também não sabia o que era zona naquela época. Não sabia o que era isso não. Alguns falavam que era lá que as mulheres viviam, mas pra mim não tinha maldade. Essa rua pertencia a elas também. O cemitério era aqui, onde tem um açougue. Lá ainda tem uma estátua grande. Aquela estátua é da sepultura de uma prima carnal de mãe chamada Generosa. [...] E as mulheres moravam ali perto. Tinha muita mulher. Mas nós morávamos ali também, eu já morei ali com mãe, num quarto sozinha. Um dia, eu estava lá e tinham algumas mulheres

dançando, porque elas dançavam de dia. Eu não sabia o que era nada daquilo. Eu desci e fui baixar lá. Cheguei lá e fui entrando. Tinha um rapazinho, amigo de mãe, que me trouxe e disse: "Oh, minha filha, vai embora." Subiu a ladeirinha e me trouxe. Mas eu não sabia o que era nada não. [...] O pessoal antigamente, aqueles candidatos fortes, os revoltosos, qualquer coisinha eles brigavam. Teve uma época que eles brigaram lá, uns contra os outros, e foram lá na igreja e furou o sino todinho de tiro. [...] A tourada era lá na rua Marcos Machado. Vinha alguns touros de fora, mas eles pediam os daqui também. Eu ia e entrava de supetão, não comprava ingresso. Eu não tinha dinheiro. Eu ia em tudo: chegava e entrava. Agora, eu não sei como eles arranjavam luz, porque não tinha luz. Devia ter um motor de luz. Eu ia, entrava, sentava e ficava lá. Adorava. Adoro tourada e globo da morte. Eu gosto, mas tenho dó e tenho medo. Mas no último dia que eu cheguei lá já tinham desarmado. Tinha circo, com aqueles espetáculos. Até em uma época, eu tinha uma sobrinha muito bonita que se apaixonou pelo palhaço. Depois eles foram embora, era uma família só, o circo. Aí foram embora pra Padre Paraíso e ela fugiu. Porque naquele tempo fugia. Ela fugiu, foi embora atrás desse palhaço.

[...]

Cinema tinha. Eles colocaram um cinema ali, onde agora tem uma lojinha na esquina. Ali no Odak tinha um cinema. Cinema pra mim era uma coisa do outro mundo, achava lindo. Eu era mocinha ainda, não era casada. Eu ia muito no cinema também. Depois passou a ser uma danceteria.

[...]

Deixa eu contar uma história. Vocês gravaram bastante o nome da minha professora, não é? A última, do terceiro ano... Eu recebi o diploma.

[...]

Então, minha professora falou com a gente que todos deveriam ir pra escola uniformizados. Eu falei assim: "Oh, professora, eu não posso, eu não tenho condições de comprar." E os paninhos que faziam os uniformes chamavam tostão e era dois mil réis o metro. Eu falei que não podia comprar. Chorei, chorei dentro da escola porque disseram que não entrava mais sem uniforme. Aí, minha professora falou com a gente que quem falasse a poesia mais bonita na escola ela ia dar o uniforme. Eu

levantei o dedo e disse que eu ia falar, mas que deixasse as outras falarem primeiro que depois eu falava e ela iria escolher. A terceira fui eu. Todo mundo me aplaudiu, ela me aplaudiu porque eu falei muito bem. Aí, ela me deu um metro de um pano branco e um metro e meio de um azul pra eu fazer o uniforme. Nunca me esqueci. O uniforme era todo pinçadinho: a saia azul, a blusinha branca com a manguinha e de botãozinho. Eu tenho ele na cabeça. [...] Eu era pastorinha também, todo mundo brincava de pastorinha. As pastorinhas cantavam junto com o boi de janeiro. O boi de janeiro eles falam que é de Maria Trovão, mas o boi de janeiro era de Santa Teje. Então, tinha o boi de janeiro e as pastorinhas. As pastorinhas cantavam durante seis dias. Nós cantávamos pelo comércio todinho. Nós tínhamos uma luzinha acessa, andando, e tinha aquelas pessoas responsáveis por nós. Os vestidos eram de papel crepom, bem feitiños (se fosse hoje eles rasgariam e deixariam a gente nua). E nós brincávamos seis dias vestidas com esses vestidinhos de papel crepom azul, mas era muito bem feitiños, com boinhas. Então, nós cantávamos o rei durante seis dias. No sexto dia, dona Santa rezava o terço e dava muita bebida, biscoito. Dançava a noite toda e eu fazia parte também.

[...]

O poema que eu falei na escola, eu ainda lembro. Era assim:

O vovô é tão velhinho, que mal agora pode andar  
segura na sua bengalinha para nela se escorar  
conta as histórias dos antigos e relembra coisas de outrora  
e fala dos velhos amigos que já se foram embora  
Foi soldado, foi lavrador, pelo Brasil combateu  
seus peitos cicatrizados foram glórias que Deus lhe deu  
Disse ele bem risonho, bendizendo-se da sorte:  
"Passa a vida como um sonho e eu sonhando espero a morte."

Eles me aplaudiram tanto que eu gravei e não me esqueço. Eu vi esse poema no livro, eu ensino os meus meninos.

[...]

Tem hora que eu recordo tanto do passado sozinha. [...] Minha juventude era divertida por mim mesma. Por minha mãe não, porque ela não me ajudava. Eu precisava de uma roupa e não me ajudava, eu precisava de outra coisa e ela não me ajudava. Se eu quisesse as coisinhas

eu tinha que trabalhar, lavando roupa para os outros. Eu era menina pequena, mocinha, e já lavava roupa para os outros. Tinha algumas mulheres de vida aqui nessa rua e eu morava aqui também. O cemitério era porta com porta com a nossa casa. Só que não estavam enterrando mais ninguém. Eu pegava as roupas daquelas mulheres pra lavar e elas me davam dinheiro pra eu comprar as coisas. Mas eu fazia isso tudo sem autorização de mãe.

[...]

O estudo era difícil, mas eu acho que o terceiro ano vale pelo primeiro ano do ginásio hoje. Eu acho porque eu, pelo menos, tinha a história todinha de Ouro Preto na minha cabeça. A gente estudava os pontos, copiava tudo o que ela dava: como é que foi feito Ouro Preto, como era, quem era Aleijadinho, como é que Aleijadinho chamava, contava tudo. Então, a gente copiava, estudava aquilo e gravava. Ia lá na frente e falava aquilo tudo: como é que era a cidade, quem foi que construiu aquelas estátuas bonitas (acho que foi por Aleijadinho, não é?). Então, a gente sabia aquilo tudo. Meus meninos não sabem nada disso. E eu sabia de tudo. [...] Era uma matéria só em cada ano e dava diploma. "Amintas Fernandes dos Santos, aprovada, nota dez, terceiro ano." Eu nunca me esqueci do meu diploma, devia ter guardado. Depois que eu recebi o diploma chegou o quarto ano aqui, na cidade. O povo ficou na maior alegria do mundo. [...] Mas aí eu já não fui mais, eu já estava com o diploma na mão. [...] Meus pais não sabiam nem o que eu estava fazendo na escola. Eu fazia tudo por minha conta.

[...]

Os alimentos eram transportados por navegação, não tinha carro pra carregar nada, de maneira que quando faltava nas vendas tinha que ficar esperando. Quando as canoas chegavam no rio eu já estava lá pra ver. Era bonito. Vinha umas dez canoas, a maré batia cá em cima. Era bonito e eles vinham cantando. E o pessoal chegava para escolher as coisas e eu já estava lá de olho. [...] Era muito bonita a balsa, tinha um fio de correr... não era remado, porque para atravessar caminhão com carga não dava. Tinha um fio, corria no fio. E aqui do outro lado tinha um calçamento, onde desembarcavam os caminhões. Eu já atravessassei na balsa com caminhão dentro. Lá do outro lado tinha um comércinho, um

departamento. Tinha farmácia, uma lojinha. Então, eu entrava no bote. O bote também passava no fio, mas o bote sempre era remado. [...] Ah, e o gado! Pra atravessar o gado jogava dentro d'água. Aquele tanto de gado dentro d'água e atravessava acompanhando. Agora, eu não sei se era o bote que acompanhava ou se era a canoa, acompanhando o gado dentro d'água. E não morria nenhum dentro d'água. Aquelas vacas bravas eu gostava de ver atravessando. As vacas bravas iam para o açougue e quando elas estavam quase chegando do lado de cá eu já tinha subido em um pé de pau.



Refotografia da possível primeira casa de Itaobim.

Foto: Maynara Faúla e Talles Brito

## Rubem Hod Batista Gilbert, 68 anos

Minha infância foi muito boa. Não tinha essa violência, era uma cidade tranquila. Apesar de não haver energia, tinha uma energia que começava às 6h, às 10h da noite desligava. Mas era tranquilidade. Não existia tanta violência como hoje tem. Todo mundo, uma amizade bem tranquila. Muito diferenciado do que nós temos hoje.

[...]

Eram as festas normais [...] os bailes tradicionais. Não existia carnaval. Era quando havia uma festa, quando nós não tínhamos o local de um clube, fazia ali dentro. Geralmente na porta fazia um tablado, onde havia a pressão das moças, os rapazes. Saía as moças vestidas de soldado. Pedia o rapaz no local que só saísse se pagasse alguma coisa. Tinham os leilões, muito bem animados. A disputa dos casados contra os solteiros. Geralmente o solteiro não tem dinheiro. Os casados sempre venciam. Era desse jeito.

[...]

Era bem animado. Aonde era o *footing*, pra gente passear. Era em frente ao mercado. As moças passavam pra lá e pra cá e a gente ficava ali só paquerando as meninas. Ali só tinha aquilo.

[...]

Ah, desde que eu voltei pra Itaobim. Desde o ano [19]90 eu fotografo Itaobim.

[...]

Itaobim teve um grande impacto. Da época até hoje. Nós temos hoje, contamos com a boa saúde, contamos com grandes calçamentos, a rede de esgoto, a rede de água, energia. Nós, naquela época, não tínhamos isso. Trabalhávamos. O que era abastecido aqui a água, era puxada no jegue. Então você pegava a água no rio, com um jeguinho, com quatro vasilhames e estava apanhando água ali, enquanto que o jegue estava fazendo xixi, nem preocupava com aquilo não. Estava pondo água, o pessoal estava tomando banho, você estava ali. A lavadeira estava lavando roupa, você estava apanhando a água. Você tinha que subir escadas e mais escadas para colocar, por exemplo, dez descargas de água. Era um consumo de uma diária. Ou então com o caminhão, que abastecia as casas. Você pagava por litro consumido. Hoje você tem uma tranquilidade de água, esgoto, energia, internet. Pode nem comparar com aquele tempo antigo.

[...]

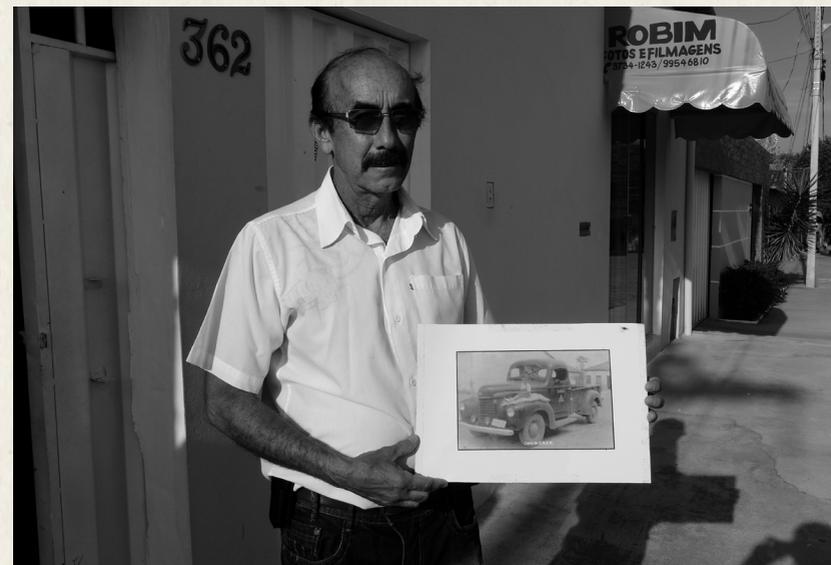
Acho que era um Chevrolet antigo. Não conheço muito de marca de automóvel. Porque meu pai, ele trabalhou no DER. Ele era agrimensor. [...] Minha família é do Rio Grande do Norte e esse carro, era um carro que transportava o pessoal do DER, na construção dessa ponte. Era na construção da ponte. Os engenheiros que vieram do Rio Grande do Norte, igual meu pai e tudo isso aí, a gente parou esse carro lá. E meu pai gostava muito dessas aventuras, tanto que nossos nomes, são nomes tudo, assim, de artistas daquela época. Rubem Hood, Roserval, Rosemberg, Elizabeth. Ele gostava de uma tradição. Ele comprou esse carro. Teve até uma aventura, Roserval foi subir nesse carro e caiu do carro em andamento. Por milímetros ele não passava na cabeça dele. O motorista não viu, ele veio correndo, subiu, caiu. O carro passou quase na cabeça dele. Isso ficou gravado em minha memória. Esse carrinho aí.

[...]

Ah, eu não lembro não, viu?! Uns 6 anos, por aí. Ou até menos. Isso daí era na porta da nossa casa.

[...]

Olha, eu acredito que foi meu pai mesmo que deve ter feito essa foto.



Fotografia de  
Rubem Hod.

Foto: Maynara Faúla e  
Talles Brito

Os recursos que nós tínhamos era aquilo que eu arrecadava. Então eu ia pra feira, a feira livre, não tinha aquela feira. Montava um paninho no chão, já chegava perto dele e ia cobrando. Então a gente conseguia o recurso financeiro pra manter. Tínhamos o vencimento muito pequeno e a rua Belo Horizonte era a rua principal. O comércio era, era ali na feira. Havia também, muito anos anteriores, que eu ainda cheguei a ver, o comércio que vinha, geralmente, da canoa. Que o pessoal vinha de Araçuai e colocava as barracas lá na praia e cheia de canoa. As canoas que abasteciam Itaobim. Elas vinham com os mantimentos de fora. Era como se fosse um cigano. Eles armavam aquelas tendas e os produtos saíam naquela beira do rio. Dali eles vendiam o comércio em Itaobim. Mas antes de Itaobim emancipar. Depois que emancipou já estava bem estável. Energia, por exemplo, foi na época que tinha um padre aqui, Padre Zé Sampaio. Começou a Usina Elétrica. Nós tínhamos uma energia que ela desligava todos os dias umas 23 horas, no máximo. [...] Havia também a primeira padaria em Itaobim, que era o pessoal dos Mota.

Que era lá onde hoje tem o Poli. Ali tinha a primeira padaria de Itaobim. Quando havia o picolé, criticava que o cara comprava o picolé e queria dar o picolé na sacola. E o cara dava o picolé no saquinho plástico. Eu até brinco com isso. Naquele tempo o cara enchia o saco de picolé pra levar pra fazenda dele. Coitadinho. Dissolvia logo.

**Iaci Ferraz Bezerra, 57 anos, e  
Maria das Graças Mendes Machado, 57 anos**



Fotografia de Iaci Ferraz (esquerda) e Maria das Graças (direita).

Foto: Manoel Pereira

**Graça:** Aqui nesse bairro que a gente morava era uma roça de algodão que tinha. Meu pai foi o terceiro morador desse bairro. A gente mudou e construímos um barraquinho e mudamos. Era tudo mato, não tinha nin-guém. Inclusive, a minha rua, meu pai foi o primeiro morador. E, assim, era diferente. A gente tinha estrada por aqui, estrada por ali. Passava uns animais por aqui, um pessoal carregando coisas nos animais. Chegava tudo por aqui, por detrás do córrego de São Roque. Era diferente. A gente morava praticamente numa fazenda. Aqui no bairro que a gente mora. Esse bairro aqui era uma fazenda quando a gente mudou pra cá. Depois foi aumentando. Fazia uma casinha, outro fazia outra. Tanto era que a gente nem banheiro não tinha. Era esquisito! Pra nós, que viemos da zona rural, não foi tão difícil adaptar com a situação. Mas depois foi urbanizando, virando cidade. Foi fazendo uma casinha aqui outra acolá. Mas meu pai foi o primeiro da rua onde eu moro.

[...]

**Graça:** [O Grufemi] foi criado pela migração que a gente tinha. Os maridos iam embora e as mulheres ficavam sozinhas, sem emprego pra criar os filhos. A gente, sentado, diante de uma reflexão bíblica, nós chegamos a conclusão de que a mulher podia fazer muito. É: "Homem e mulher imagem de Deus." Essa frase eu nunca vou esquecer na minha vida. Assim, diante dessa reflexão, a gente viu que as mulheres tinham que se organizar, tinham que fazer alguma coisa. E foi a partir daí que a gente começou a reunir uma vez por semana um grupo de oito. E, assim, tentar achar uma solução pra gente está movimentando aquilo ali. Começamos a partilhar o que tinha em casa pra arrecadar dinheiro. Começamos a fazer doces. Dividia os doces. Se desse cinquenta pedaços, cada uma levava dez pra casa e lá você botava na janela e vendia. Na outra semana você já voltava com esse dinheiro pra comprar de novo as coisas. Cada semana a gente fazia o doce em uma casa diferente. A gente não tinha sede. Aí foi arrecadando um dinheirinho, dez reais, vinte reais. E fomos crescendo, fomos crescendo. Até virarmos um entidade filantrópica. Depois que a gente virou entidade filantrópica a gente começou a trabalhar. A gente tem ali os grupos que trabalham. Nosso principal objetivo é geração de renda. Porque ele nasceu da necessidade das mulheres. As mulheres tinham que fazer alguma coisa pra ajudar

os filhos, porque os maridos iam embora pro corte de cana, pra panha de café e as mulheres ficavam sozinhas. Então foi a partir daí e o objetivo da gente é esse hoje. É tentar aparecer uma forma de geração de renda pra aqueles que não têm como complementar a renda familiar. E o objetivo da gente é esse. A gente começou a descobrir que a mulher é tão importante e pode tudo, que aí começou a aparecer outras coisas. Nós trouxemos para o bairro curso de massagem, pensando nos PSFs que existem hoje. PSF do Alvorado, do Esperança, do São Cristovão. Nós temos vários cursos que já passaram por aqui. Muitos. Nem lembro mais quantos são. Nosso objetivo é interagir com a sociedade. As dificuldades e as conquistas. A gente espalha as mulheres para tudo quanto é lugar. Uma faz parte do conselho de saúde, a outra faz parte do conselho de assistência social, a outra faz parte do conselho de educação e assim pra interagir tudo o que tem, trazer pra cá as vitórias e as necessidades. E a partir daí a gente começar a agir. Nem que sejam ações pequenas, mas a gente tá sempre fazendo isso pra que melhore as coisas. Pra aquelas que mais precisam. A gente tá aqui centralizado nesse meiozinho, porque é um foco de muita droga, alcoolismo, prostituição. A gente tenta entrar num meio pra ver se a gente tenta amenizar esse problemão que é não só de Itaobim, mas como de toda a sociedade.

[...]

**Graça:** Mudou pouco, não foi tanto não, mas mudou. A situação, assim, eu falo de mim. Quero falar de mim, porque a gente trabalhava, eu com minha mãe, por exemplo. A gente trabalhava apanhando água no rio pra vender. Quando o dia amanhecia a gente já tinha apanhado, ido no rio umas cinco, seis vezes. Duas latas por viagem, pra vender, pra gente sustentar a família. Entregava água nas casas. Depois que a gente apanhava água do rio, a gente voltava e apanhava da cisterna. Tinha uma cisterna ali, perto da nossa casa. E a gente enchia os tambores grandes, pras famílias, que podiam pagar. Pra gente ter o que comer. Pra gente comprar feijão, comprar arroz, comprar essas coisas que a gente tinha necessidade. Então, assim, pelo o que a minha família passou, era o que acontecia na cidade. Não tinha emprego, não tinha a prefeitura. Então a gente vivia numa situação muito difícil. Era lavando roupa pros outros, era apanhando água pros outros, era apanhando lenha pra vender. Então

a situação da mulher, assim, a partir de mim e da minha mãe, que eu conheci a olho nu, era muito complicada na nossa cidade. Hoje tem uma diferença bem grande, mas não é o que a mulher merece. A gente merece 100% e a gente não conseguiu ainda não.

[...]

**Graça:** Uns forrozão bom. As festas eram ótimas. Aqui em Itaobim, por exemplo, teve muita festa boa. São João. Na nossa comunidade mesmo a gente fazia festa na rua, no meio da rua. Eram três dias de festa. Quadrilha, forró. Hoje a gente não pode fazer isso mais. Infelizmente a gente não pode fazer isso mais. A nossa comunidade, a parte religiosa, a gente fez tudo com essas festas. Fazia leilão no meio da rua. Forrozão. Amanhecia o dia. Pra arrecadar dinheiro. Mas hoje a gente não tem como fazer isso mais. A gente tem saudade. A gente fala que era feliz e não sabia. Como que eram as coisas no passado. Agora já é mais difícil. Não tem como a gente fazer isso mais. Mas eram muito boas as festas.

[...]

**Graça:** As meninas, o pessoal do bairro, ia de manhã, meio dia e de tarde. A gente lavava vasilha no rio. Ia lavar roupa, vasilha. De madrugada começava a apanhar água. Era um movimento muito bonito no rio. Até que eu não ia muito não. Mas o movimento era bem razoável. O pessoal não tinha água em casa pra tomar banho, de tarde você ia no rio, você podia contar duzentas pessoas tomando banho. Muita gente. O banho era no rio.

[...]

**Graça:** Foi no ano que eu casei. Eu lembro de Doezo, ele falou comigo assim: "Você nunca vai esquecer de quando você casou." Eu falei: "Por que?", "Porque lembra da enchente que você vai lembrar quando você casou." [19]79, que eu presenciei. A gente amanhecia o dia pondo um pauzinho lá. A água estava aqui, você colocava um pauzinho, quando voltava ela já estava lá adiante. Você tornava a voltar, já estava lá adiante. Isso e assim sucessivamente. Tinha água que ia esvaziando, você chegava e já estava bem. Mas foi uma tristeza, [19]79. Eu fiquei, eu vi. Estava na véspera do meu casamento. Nessas baixas aqui no canto, ficava andando tudo de canoa aqui. Não, eu moro lá atrás. Mas essas baixas, tudo alagava. Andava de canoa. Você via só água. À noite você olhava assim, você

só via água, só água. É bonito, apesar do sofrimento das pessoas. O povo sofreu demais. Todo mundo. A comunidade, por exemplo, a nossa igreja foi lugar de acolhida. Nós colocamos, acho que dez famílias. Tiramos de lá da água e trouxemos pra igreja. Aqui da rua Paraíba, você deve conhecer. Ali foram alojadas algumas famílias. Levava comida, levava, porque não tinha como cozinhar. Mas eu presenciei. Foi muito triste. É, a sorte nossa que nós tivemos padres daqueles, assim, muito bons. Eles entraram financeiramente ajudando, juntamente com a prefeitura e, acabou que o bairro Santa Helena, a água levou tudo e tivemos que trazer o pessoal de Santa Helena pro São Cristovão e Esperança. E aquelas casinhas lá foram feitas tudo correndo pra poder colocar o pessoal que estava tudo em escola, sindicato, igreja. Estava cheio de famílias. E tiveram que fazer as casinhas rapidinho. Uma favelinha lá, uma casa amontoada em cima da outra. Pra tirar as famílias dos alojamentos, porque não estava dando muito certo. Tinha muita criança, idosos, casais e aí começou a apertar demais e dar confusão. Não tenho muita saudade desse tempo não, que o pessoal, nós sofremos demais.

**Iaci Ferraz:** Sei que ainda não pensava muito em namoro. Aí ficava observando. Falava assim: "Gente, como é... Que gosto tem esse povo. Sobe e desce. Sobe e desce. Sobe e desce."

[...]

**Iaci Ferraz:** Ia esperar minha irmã, que minha irmã tinha namorado. Então eu esperava. Então eu achava interessante aquela diversão. E hoje a diversão a gente não vê. A televisão tomou conta. Invadiu, você vê invadindo as nossas casas e tudo. Aquele tempo era muito bom. Eu gostava muito, a gente brincava de roda, cantou.

[...]

**Iaci Ferraz:** Brincava. A gente trabalhava, mas ficava doido que chegasse a hora pra poder, à noite, ir brincar. Juntava uma turma, um grupo. Eu não sei de onde saía tanta criança e aí começava a cantar. Era tanto tipo de brincadeira: feijãozinho de corda, plantar quiabo, cachorro com osso. Eu sei que era bom demais, muita diversão. Depois a gente foi crescendo e veio o Boi de janeiro. O Boi de janeiro também foi outra diversão, que a gente ficava ansiosa que chegasse janeiro, pra ver o boi. A negra. A minha infância mesmo eu gostei muito. Muito, muito. Hoje

você tenta ver nos filhos e não consegue. As crianças de hoje não querem ser mais crianças não, querem ser adultos. É, não gostam de brincar de boneca, não gostam, só gostam da televisão mesmo. É isso aí.



Refotografia de  
Iaci Ferraz.

Foto: Manoel Pereira

**Graça:** O que nós passamos, nós não queremos que nossos filhos, que nossos netos passem. Então é por isso que a gente tem vontade de lutar. Porque eu, por exemplo, não quero que meus filhos e meus netos passem o que eu passei. Então cada um tem uma bagagem diferente. Quando você tem vontade de lutar mais pra que o que você passou, outros não passem. Você não passe, ela não passe. Eu tenho o maior orgulho de falar que eu não imaginava que... Eu sou pobre, sou rica das graças de Deus. Não sabia que a minha filha podia entrar na faculdade federal. Não sabia. Eu não imaginava isso. Quando lembro, pego o exemplo meu, começo a ver que tudo é possível. Basta a pessoa lutar, basta a pessoa querer.

## Parte II Colaboradores

## **Catarina Batista Carlos, 17 anos**

Eu gostei muito de participar do projeto, pois eu descobri coisas novas sobre Itaobim, coisas que eu nem imaginava que já aconteciam naquela época. Foi muito bom entrevistar as pessoas idosas, falando sobre os relatos. Foi bom também porque eu perdi a timidez pra fazer entrevistas. O projeto pra mim foi muito bom. Foi uma experiência muito boa que eu vou poder levar ao longo da minha vida. Gostei muito de participar e dificuldade eu não tive nenhuma. [...] A foto que mais me chamou a atenção foi a da ponte, o antes e o depois. [...] Eu percebo a diferença pelo o que o pessoal mais antigo fala, a diferença de como era antes e depois, porque a cidade mudou muito. A gente sempre perguntava pra pessoa entrevistada: "Você prefere a cidade hoje ou antes?" E muitos respondiam: "Ah, eu prefiro antes porque não tinha muita violência, porque a cidade era mais tranquila." No geral, pra mim, tudo foi muito interessante.

## Talles Héber de Souza Brito, 16 anos

Eu gostei do projeto. Ele fez com que eu perdesse a timidez quando eu fui atrás das pessoas, perguntando se elas podiam ser entrevistadas. Eu descobri coisas que eu nunca imaginava que Itaobim tivesse, como por exemplo, o cemitério. Eu nunca imaginava que ali no centro tinha um cemitério. [...] Descobri também que a memória de Itaobim não está, na maioria das vezes, nas fotos, está mais nos relatos das pessoas. As histórias delas é que faziam a história de Itaobim. E eu vejo isso como uma forma de estar adquirindo mais conhecimento e de gostar mais da cidade. Descobri coisas que eu nem imaginava que tinha e que mudou: as dificuldades das pessoas naquela época, como as pessoas viviam. Eu gostei daquela foto da ponte, porque é incrível a diferença, a construção. Foi legal. [...] Alguns falaram do *footing*, que as moças não podiam olhar para os rapazes e aí eles ficavam caminhando na rua Belo Horizonte pra cima e pra baixo. E os meninos ficavam paquerando só com os olhares. Eu não sabia que tinha isso. Aprendi também como eram as danceterias, as festas, a cultura que foi perdendo o seu valor. [...] Gostei muito das refotografias, principalmente a da ponte. [...] A gente parou na beirada da ponte. A Maynara procurou um ângulo estratégico e subiu numa madeirinha da ponte, na placa de proteção. Eu segurei a foto pra pegar o ângulo da refotografia e passaram os caminhoneiros buzinando. E aí chegou um carro e parou do outro lado e desceu um homem com a câmera fotográfica e tirou foto de Maynara. E Maynara só de bermuda curta e tal. Vai ser conhecida lá no exterior e o cara tirando a foto da menina em cima da ponte.

## **Maynara Faúla Avelar, 16 anos**

O projeto me fez conhecer pessoas tanto mais velhas quanto mais novas, me fez aproximar mais dessas pessoas, me fez conhecer mais sobre a cidade. O que me chamou mais a atenção foi a questão das festas, porque eu tinha outra visão. Aqui em Itaobim, hoje em dia, não têm muitas festas e diversão para os jovens e eu pensava assim: "Nossa, imagina antigamente." E, não, antigamente era totalmente o contrário, aqui tinha danceteria, tinha muita coisa boa e que infelizmente não ficou até hoje, não permaneceu. Tinha muita diversão mesmo com todas as dificuldades daquela época. As pessoas sempre aproveitavam, tiravam o melhor de tudo, se divertiam. E, esse projeto me fez ficar mais próxima dessas pessoas, de conhecer pessoas mais velhas, pessoas mais vividas que tem histórias pra contar. E me fez até a ter mais paciência pra sentar e ouvir uma história e ver que daquela história a gente pode tirar muita coisa. [...] Refotografar é muito bom. Você ir ao mesmo lugar que o fotógrafo foi e tentar imaginar aquela ocasião, aquela circunstância ali. E você está ali agora, mas ali agora talvez não tenha o que tinha. Igual aquela foto e a refotografia da praia. Naquela época havia festas ali na praia e hoje em dia não tem nada. E você exatamente no mesmo lugar e ver que ali na sua frente tinha festa. Naquela época havia uma comunhão de pessoas ali, comemorando alguma coisa. Então, é legal, é bacana demais isso. Além disso, faz a gente admirar a cidade também: admirar o desenvolvimento dela, admirar as pessoas que estão aqui, como isso tudo cresceu. As pessoas falaram que aqui não existia nada. Era uma cidade

pequeninha, só existia até um certo ponto. E ver como a cidade cresceu em cinquenta anos de emancipação faz a gente se admirar e sentir orgulho de ser de Itaobim. [...] E, além de tudo, fez a gente enxergar as pessoas de uma forma diferente. De certa forma, você enxergar a história daquela pessoa, o que aquela pessoa fez, o que ela é na verdade. Isso fez a gente ter mais sensibilidade, tanto com a cidade quanto com as pessoas que moram aqui e de outros lugares também.

## **Manoel Pereira da Silva Júnior, 17 anos**

Eu, no início, como não tinha muita prática, não gostava tanto quanto gosto agora do projeto. Depois que a gente foi para a prática, eu descobri muita coisa que eu não sabia de Itaobim. Conheci pessoas que eu nem imaginava que tivessem aqui, porque a gente que mora na cidade não sabe o que está ao nosso redor, de certa forma a gente fica um pouco fechado. Os adolescentes daqui acho que não têm muita oportunidade de conhecer a cultura de Itaobim. E quando a gente começou a fazer as entrevistas e as pessoas começaram a contar as suas histórias, eu parava pra pensar e falava assim: "Nossa, eu tenho orgulho de morar aqui, eu tenho orgulho da cultura do Vale do Jequitinhonha." Porque, como eu sempre digo, as pessoas de fora que vem pra cá, a maioria das vezes, mostra o lado negativo do Vale do Jequitinhonha e quando alguém pergunta onde você mora, tem muito preconceito se você fala que é do Vale. As pessoas já pensam que você passa dificuldades. Eu acho que isso me fez ver onde eu moro de forma diferente, que não é só isso, que tem muito mais, que tem muita cultura, que tem muita gente simples, mas muito feliz. E isso é o mais bacana de tudo. A pessoa pode não ter nada, mas tem muita coisa pra contar. [...] Depois das entrevistas, principalmente depois que a gente foi ao bairro Estação da Luz, que a gente ouviu alguns relatos, eu parei na hora da entrevista e fiquei prestando atenção. E tinha coisas que eles falavam e eu começava a sorrir porque eram coisas simples, mas de uma beleza tão grande. E depois que a gente terminou as entrevistas, me deu aquela alegria, não sei porque,

de ter a sensação, como eu disse, de ter orgulho daqui, do povo daqui, de ter na minha mente agora que Itaobim não é só o que eu via e nem o que eles passam na televisão, é muito mais do que só isso.

## **Érica Júnia Ribeiro Silva, 18 anos**

Eu achei ótimo. Achei uma forma muito boa de conhecer melhor as pessoas, de ver outros lados, além do que a gente sempre faz. E achei muito interessante, gostei de tudo. A parte que eu mais gostei foi das entrevistas e das refotografias, porque a gente teve a oportunidade de conhecer as pessoas e recolher os relatos delas, ouvir o que elas tinham a dizer sobre tudo. [...] Igual a dona Pretinha falou de antes, que quando veio o helicóptero que eles se assustaram. Eu não imaginava que fosse assim. Achei muito interessante lá em Canjira [...]. Apesar de ser pequeno é muito interessante ver tudo o que ele tem lá. E imaginar o quanto deve ter sido difícil pra ele ter conseguido aquilo tudo. E chegar até hoje e conservar aquilo intacto, muito bem feito. [...] Eu achei interessante demais as refotografias. [...] A gente conheceu um outro lado das pessoas, a forma delas viverem e seus meios de sobrevivência.

## **Isabela Soares Costa, 16 anos**

Eu adorei o projeto. Eu achei que foi uma forma de valorizar não só a cultura do nosso Vale, como também as pessoas que vivem no Vale, de trazer a oportunidade para o jovem resgatar a sua cultura e as raízes de cada um, fazendo com que nós interagíssemos mais com as outras pessoas e que nós começássemos a compreender melhor um pouco da história de vida delas. E também fazer com que [...] todo mundo se sintam importante, fazendo parte de tudo o que está acontecendo, porque não foi só eu ou outra pessoa, foi todo mundo junto que fez com que o projeto acontecesse. [...] Eu sou um pouco faladeira, eu converso muito, e quando eu começo a conversar com uma pessoa... eu gosto muito de conversar. Então, essa questão de conversar eu acho que eu não tive muita dificuldade não. E, pelo contrário, eu gostei porque eu expus algumas coisas da minha vida e outras pessoas também fizeram a mesma coisa. Então, houve uma interação, houve reciprocidade no convívio com cada um. [...] Eu acho que vai ficar um pouquinho de cada coisa porque cada história foi diferente, cada pessoa passou pela gente de uma forma diferente, cada um com uma história de vida, sendo ela muito triste ou então sendo ela muito alegre. Nós ouvimos a vida de cada um de uma forma mais profunda. Todas as pessoas que nós conversamos e entrevistamos, é como se eu tivesse feito parte pelo menos de um pedacinho da vida daquela pessoa. Isso é o que importa, sabe? Porque eu acredito que da mesma forma como eu vou lembrar dela, que ela mudou minha vida, me fazendo crescer culturalmente, me tornando uma pessoa mais humana,

eu acho que eu também mudei de alguma forma a vida dela. [...] Eu só queria agradecer vocês por ter nos escolhido e por ter escolhido o nosso Vale e por fazer com que as pessoas percebam que o Vale não é só as coisas ruins que a mídia mostra, sabe? Não é só violência, não é só droga, não é só prostituição. Nós também temos o nosso valor. E nosso Vale é tão rico, é uma diversidade muito grande. São pessoas de várias formas, das mais humildes até as mais poderosas de uma certa forma. Claro que nós não temos uma riqueza infinita, mas nós somos ricos de espírito. Então, isso foi muito importante, muito bom pra gente.

## **Thayane Silva Campos, 24 anos**

Nascida e criada na capital mineira. Sempre acostumada com os barulhos dos carros, o movimento intenso e a vida corrida da cidade grande. Sou do tipo que gosta de uma vida agitada, corrida, mas que também preza os momentos tranquilos, a quebra de rotina, o pegar a estrada. Viajar para mim é adentrar em um novo mundo e foi justamente isso que o Projeto Imagens e Memórias do Vale me permitiu. Nunca tinha chegado nem perto do Vale do Jequitinhonha. Itaobim não me era estranha por já ter provado de suas mangas em momentos passados, quando uma chefe e grande amiga me trazia de lá seus frutos e me contava histórias de seus parentes. Não imaginava que um dia fosse conhecer de perto essa cidade e pudesse aprender tanto quanto aprendi. Viajar para mim é um ritual, desde preparar a mala para a ida até a volta pra casa, tudo tem um grande significado. Mas as viagens à Itaobim tiveram uma representatividade ainda maior. Não foi só conhecer a cidade, as pessoas e suas histórias, foi uma busca íntima, uma busca de mim mesma. Na fala de cada entrevistado percebia como ainda conheço tão pouco e tenho muito a aprender. Como às vezes agimos como robôs, na correria do dia a dia, sem parar para escutar o outro, sem parar para dar um sorriso. Essas pessoas não estavam ali apenas para gravar suas memórias, estavam ali para me ensinar algo, para me ensinar a ser mais humana. Em cada um via meus avôs, que não cheguei a conhecer, e pensava nas histórias que eles me contariam se estivessem vivos. Sempre guardarei na memória aquele céu azul de Itaobim, o gosto da comida do Ciro,

feita com tanto carinho e servida com tanta atenção. As risadas dadas no percurso da viagem com os meninos do Polo. As conversas no quarto do hotel com a minha companheira de trabalho e amiga Samira. O rosto dos nossos meninos em cada entrevista dada, em cada foto encontrada. Cada momento foi único e cada história permanecerá na memória e no coração.

## **Samira Pinto Almeida, 25 anos**

O Projeto Imagens e Memórias do Vale surgiu em um momento decisivo da minha vida acadêmica. Há algum tempo eu desejava participar de um projeto vinculado à Faculdade de Letras, mas a oportunidade somente apareceu no meu último ano de graduação quando a minha colega e amiga, Thayane, sugeriu à Elisa que eu fizesse parte da equipe como a segunda bolsista. Os motivos que me levaram a participar do projeto, além da óbvia relevância dessa experiência para o currículo, foram os seus objetivos, a sua concepção e, mais particularmente, a região onde ele foi desenvolvido.

Talvez devido à proximidade da minha cidade natal ao Vale do Jequitinhonha, participar dessa pesquisa teve um significado especial. Pude encontrar um pouco dos meus avós e bisavós maternos em cada entrevistado, através da narração de histórias que, muitas vezes, ultrapassam a vida privada e se inserem numa memória comum a todos aqueles que vivem ou viveram em uma cidade pequena do interior de Minas ou mesmo no campo. Também reconheci na fala dos moradores mais antigos de Itaobim expressões ainda usadas por minha avó, referências a festas, como a das pastorinhas, que eu já conhecia através de minha mãe. Para além disso, há o que é particular e íntimo de cada um. Neste ponto, as vivências dos entrevistados se mostraram, para mim, ricas em sabedoria, cultura e poesia.

Cada viagem foi uma aventura, seja pelas dificuldades burocráticas que surgiram antes da ida à Itaobim, seja pelos imprevistos que

apareceram por lá mesmo depois de tanta organização. O projeto se transformou ao longo do seu desenvolvimento e acredito que achamos saídas interessantes para os problemas enfrentados pelo caminho. Isso foi possível graças ao comprometimento da equipe, em especial, dos jovens da cidade. Sem eles nossa boa vontade e nossos procedimentos científicos valeriam pouco.

Foi igualmente importante e bonita a generosidade de todos aqueles que dividiram suas histórias com os conhecidos da cidade, os desconhecidos da capital mineira e, a partir de agora, com qualquer pessoa que tenha sensibilidade para abrir este álbum e que se permita ouvir por meio da escrita experiências que parecem bordadas no tecido da vida como o mais fino artesanato. Espero que esta publicação seja desencadeadora de boas lembranças para aqueles que colaboraram com o projeto. Com certeza, será para mim.



Refotografia da ponte sobre o Rio Jequitinhonha, entrada de Itaobim, rodovia Rio-Bahia.  
Foto: Maynara Faúia e Talles Héber.

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, integrado por estudantes de Letras –bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.

